



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

A indisciplina escolar: Estudo de caso numa turma de 8º ano

Elisabete Maria Dias Costa Santiago de Carvalho

Orientadora

Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Escolar, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Setembro de 2018

Composição do júri

Presidente do júri

Doutor Valter Victorino de Lemos

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutor Abílio José Maroto Amiguinho

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre

Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Agradecimentos

Na construção deste trabalho, várias pessoas contribuíram para que fosse possível a sua concretização.

Um profundo agradecimento, à Professora Doutora Maria João Guardado Moreira, pela orientação científica, amizade, apoio e disponibilidade.

Agradeço aos participantes no estudo, alunos do 8º ano, pais e encarregados de educação, professores e diretora de turma, pela disponibilidade, permitindo que esta investigação se concretizasse.

Gostaria de agradecer à Direção do Externato Santiago de Carvalho, pela colaboração e acesso aos dados.

À Ana Paula e à Patrícia, pela amizade e apoio, o meu obrigado.

Um especial agradecimento, à minha família, por todas as palavras de incentivo e apoio incondicional, em especial, aos meus filhos Mariana e Miguel.

Resumo

A indisciplina escolar constitui um desafio à escola atual, aos professores, aos técnicos e também aos pais e encarregados de educação, na procura de respostas e estratégias. A investigação em curso consiste num estudo de caso, no sentido de compreender porque é que as situações de indisciplina acontecem e perceber o contributo dos pais e dos professores na prevenção e no combate à indisciplina. Para tal definiram-se os seguintes objetivos: compreender o modo como a escola identifica e atua perante os casos de indisciplina; compreender os fatores que desencadeiam em certos alunos da turma, comportamentos de indisciplina; perceber como é que os fatores género e o nível socioeconómico dos alunos interferem nos contextos educativos, relativamente à indisciplina; identificar as representações que os pais/encarregados de educação possuem relativamente às regras e limites que incutem aos filhos e contribuir para a prevenção e para a diminuição da indisciplina através da proposta de um projeto de intervenção. Participaram no estudo os alunos da turma de 8º ano, respetivos pais e encarregados de educação, duas professoras e a diretora de turma.

Na recolha de dados recorreu-se ao inquérito por questionário, utilizou-se a entrevista, a análise documental e observação registada em grelha de observação. A análise de resultados surge da triangulação dos resultados obtidos, permitindo concluir que alunos que não cumprem os seus deveres e que quebram as regras de conduta de forma sistemática em sala de aula, de acordo com a gravidade da situação, são alvo de participação disciplinar, enquanto alguns pais se demitem perante situações de indisciplina. Verifica-se a necessidade dos professores desenvolverem estratégias de melhoria do ambiente na sala de aula, quanto à questão disciplinar. A prática pedagógica dos professores e a forma como o professor atua com os alunos poderá contribuir, para a prevenção dos comportamentos de indisciplina. O fator género masculino e o nível socioeconómico dos alunos estão associados positivamente, à frequência de indisciplina. A participação e envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos ainda surge, somente quando é solicitada presença pelo diretor de turma, ou para participar nas reuniões de avaliação.

Considerando os resultados obtidos na investigação, torna-se pertinente o desenvolvimento de um projeto de intervenção, dirigido ao grupo/turma do 8º ano, grupo de docentes e pais e encarregados de educação da turma em estudo.

Palavras chave

Indisciplina; turma; causas da indisciplina; intervenção social e escolar

Abstract

Nowadays educational indiscipline is a challenge to schools. Teachers, technicians and parents search for answers and strategies to deal with this situation. This investigation is a case study that has the objective to understand why indiscipline occurs at schools and how can parents and teachers help to prevent it. To do this it was established the following objectives: understand the way schools identify and deal with indiscipline cases; understand what leads certain students of a class to indiscipline; understand how the gender and the socioeconomic level of students interfere in the indiscipline context; identify the representations that parents have concerning rules and limits for their children; and contribute to the prevention and decrease of indiscipline through the proposal of an intervention project. In this study participated the students of an eighth grade class, their parents, two teachers and the class head teacher. To collect data it was used the survey by questionnaire, the interview, documental analysis, direct observation and its records.

The analysis of the results was done by the triangulation of the results, allowing the conclusions that students don't fulfil their duties and regularly break the rules of conduct in the classroom and according to the severity of the situation have a disciplinary participation or not and their parents put themselves aside from this. It was verified the need of teachers to develop strategies to improve the environment in classroom concerning discipline. The teacher pedagogical practise and the way the teacher acts with the students might contribute to the prevention of behaviours of indiscipline. The male gender and the socioeconomic level of students are positively associated to the frequency of indiscipline. The participation and involvement of families in their children school life only happens when the head teacher asks for their presence at school.

Considering the obtained results of the investigation it becomes relevant the developing of an intervention project aimed for the studied class of the eighth grade, their teachers and parents.

Keywords

Indiscipline; class; causes of indiscipline; social and educational intervention.

Índice geral

Parte I – Introdução	1
1. Os desafios da educação no século XXI	4
2. Abordagem Sistémica na escola.....	6
3. Indisciplina em contexto escolar.....	7
3.1. Conceito de Indisciplina.....	7
3.2. Causas da Indisciplina	9
3.3. Consequências da indisciplina escolar.....	11
3.4. Prevenção da indisciplina	12
3.5. Intervenção da escola na Indisciplina	13
3.6. Algumas Investigações sobre a Indisciplina	14
4. O papel da Família e do Grupo.....	16
Parte II - Plano de Investigação / Intervenção e Metodologia.....	20
1. Problema e objetivos do estudo.....	20
2. Metodologia de Investigação.....	21
3. Opções metodológicas	22
4. Opções metodológicas: o estudo de caso	23
5. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	25
6. Amostra	26
7. Instrumentos	27
7.1. Análise Documental.....	27
7.2. Observação direta	27
7.3. Inquérito por questionário.....	28
7.4. Entrevista	30
8. Caracterização da Instituição onde foi realizado o estudo.....	31
8.1. Contexto Social.....	31
8.2. População escolar	31
8.3. Instrumentos de atuação na escola.....	33
Parte III – Análise e interpretação de dados.....	35
1. Tratamento da Informação.....	35
1.1 Análise Documental.....	36
1.2. Observação em contexto de sala de aula.....	37

2. Apresentação e análise dos resultados dos questionários aplicados aos pais e Encarregados de Educação	38
2.1 Participação dos E.E. na vida escolar dos seus educandos.....	39
2.2 Modo de agir dos encarregados de educação perante a indisciplina	41
3. Apresentação e Análise dos resultados dos questionários aplicados aos alunos	43
3.1 Perceção dos alunos perante a indisciplina.....	44
4. Análise e discussão dos resultados das entrevistas.....	50
4.1. Caracterização das entrevistadas	51
4.2 Modo perceber os problemas de indisciplina na turma	51
4.3 Causas da indisciplina na perspectiva dos entrevistados	53
4.4 Estratégias / medidas adotadas perante as situações de indisciplina	54
4.5 Participação dos pais na vida escolar dos seus educandos	56
5- Discussão/Triangulação dos dados	56
Parte IV – Projeto de Intervenção	60
1. Introdução.....	60
2. Implementação do projeto de intervenção	62
3. Objetivos.....	62
3.1 Atividades	63
4- Avaliação do Projeto.....	66
5. Resultados esperados.....	67
Considerações finais.....	68
Bibliografia.....	71
Legislação e outra documentação	75
Apêndices.....	77
Apêndice A – Grelha de Observação	79
Apêndice B – Inquérito por Questionário aos Pais e encarregados de educação	83
Apêndice C – Inquérito por Questionário aos Alunos.....	89
Apêndice D – Guião da Entrevista	95

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Distribuição percentual do número de alunos por níveis de ensino	32
Gráfico 2 – Caracterização dos E.E. quanto à escolaridade	38
Gráfico 3 – Caracterização dos E.E. quanto à profissão	39
Gráfico 4 – Regularidade com que o Encarregado de Educação vai à escola	39
Gráfico 5 Comunicação do Encarregado de Educação com a escola.....	40
Gráfico 6 - Acompanhamento na realização dos trabalhos de casa	40
Gráfico 7 – Frequência do acompanhamento na realização dos trabalhos de casa	41
.....	
Gráfico 8 – Forma de agir do E.E. perante comportamento incorreto em casa	41
Gráfico 9 – Situação de indisciplina em que o educando estivesse envolvido na escola	42
Gráfico 10 – Modo de reagir à situação de indisciplina	42
Gráfico 11 – Conhecimento das normas/regulamento da escola ou sala de aula .	43
Gráfico 12 – Ação Social Escolar dos alunos	44
Gráfico 13 – Concordância ou não da existência de determinadas regras na escola	46
.....	
Gráfico 14 – Existência de regras em casa ou na escola	46
Gráfico 15 – Há punições para quem não cumpre as regras.....	47
Gráfico 16 – Indisciplina em determinadas disciplinas.....	47
Gráficos 17 - Gostas da turma onde estás inserido (em cima) e colegas indisciplinados (em baixo).....	48
Gráfico 18 – O ambiente em sala de aula.....	49
Gráfico 19 – Forma dos pais lidarem com a indisciplina	49
Gráfico 20 – Gostas de andar nesta escola?	50

Índice de tabelas

Tabela 1 - Quadro resumo da análise dos documentos consultados.....	36
Tabela 2 – Caracterização dos E.E. quanto ao grau de parentesco e idade	38
Tabela 3 – Caracterização da turma quanto ao gênero, idade e número de retenções.....	43
Tabela 4 – Participações disciplinares dos alunos.....	44
Tabela 5 – Classificação dos comportamentos de acordo com a gravidade.....	45
Tabela 6 – Categorias da entrevista.....	50
Tabela 7 – Caracterização das participantes nas entrevistas	51

Índice de quadros

Quadro 1 – Dificuldades em ser professor ou Diretor de Turma na turma em estudo	51
Quadro 2 – Problemas de indisciplina na turma	52
Quadro 3 - As situações de indisciplina acontecem mais com rapazes ou raparigas	53
Quadro 4 – Porque é que indisciplina ocorre nesta turma.....	53
Quadro 5 – O meio socioeconómico dos alunos, contribui para a indisciplina	53
Quadro 6 – Medidas tomadas pela maioria dos professores para manter a disciplina	54
Quadro 7 - Estratégias adotadas para ultrapassar as situações de indisciplina	55
Quadro 8 – Frequência com que os encarregados de educação vêm à escola	56
Quadro 9 - Envolvimento dos pais na vida escolar dos seus educandos	56
Quadro 10 – Medidas tomadas pelos encarregados educação	56

Lista de abreviaturas e siglas

C.E.B - Ciclo do Ensino básico

CPCJ - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

E.C.S.C. - Externato Capitão Santiago de Carvalho

E.E. – Encarregado de Educação

D.T. – Diretor de Turma

Parte I - Introdução

A principal motivação da escolha do tema deste mestrado surge do interesse, no âmbito da experiência profissional, de aprofundar os conhecimentos acerca da temática Indisciplina, relativamente aos fatores que a desencadeiam, bem como, o modo e/ou estratégias para vir a ser prevenida.

Na sociedade atual de escolarização massificada, em que a escola vem a deslocalizar as crianças ou os adolescentes do núcleo familiar para a escola, durante doze anos, verifica-se, necessariamente uma alteração de paradigma destas duas instituições: família e escola. Esta última vai ganhando uma importância cada vez maior na vida das famílias, uma vez que se traduz, para uns, num espaço valorativo de investimento de esperança de futuro, quer das famílias quer dos adolescentes, vendo-a como um patamar de construção de expectativas de um futuro promissor para os jovens, mas, por outro lado, como um espaço depositário em que as famílias apenas as abandonam, demitindo-se de responsabilidades, obstando-se a dar o seu contributo no intuito da construção para o futuro do seu jovem. Deparamo-nos, assim, com desigualdades nas estratégias relacionadas com o investimento escolar (Diogo, 2008).

A Escola, além do mais, não pode ser vista de forma independente da sociedade na qual se insere. O que acontece no ambiente escolar, onde crianças e jovens passam a maior parte do seu tempo, é um reflexo da sociedade no seu todo. Hoje, a mulher trabalha tal como o homem, o que se traduz numa alteração do paradigma tradicional na estrutura familiar. Deste modo, a política educativa não pode alhear-se desta nova realidade das famílias e, ao ensino, teve de se aliar uma componente social outrora inexistente, já que desnecessária. No entanto, sendo o Ministério da Educação a entidade responsável, terá de se preocupar com os danos colaterais desta nova organização social da estrutura da família, nomeadamente com as causas de problemas tão presentes, como a crescente indisciplina dos jovens. A escola e a sociedade devem assumir a indisciplina como um verdadeiro problema, com todas as consequências que daí advêm, nomeadamente:

o mal-estar em sala de aula, quer para o professor, quer para o aluno em questão quer ainda para os restantes colegas que estão interessados em aprender;

a incivilidade;

o insucesso.

Daí a necessidade de dar instrumentos claros, precisos e justos de regulação. Fazer depender a gestão da indisciplina na aula nas características pessoais do professor, não será a melhor estratégia. Muitas vezes, nas salas de aula, geram-se comportamentos e situações de conflito, quando se deveriam gerir as aprendizagens e os conhecimentos.

Na perspetiva de Carita e Fernandes (1997) na prevenção da indisciplina, é fundamental o papel do professor, as autoras referem que o que torna os professores

mais eficazes é “o ênfase colocado na prevenção dos problemas e na associação entre a prevenção e uma boa gestão da sala de aula” (p.96).

Ainda o papel da família em todo o processo é igualmente importante, embora muitas vezes a mesma transfira as responsabilidades da educação e transmissão de valores para a escola.

Acresce sublinhar que a escola e os professores têm um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e jovens, contribuindo para a diminuição das assimetrias socioculturais. Contudo, será extremamente importante que a escola, a família e a sociedade ganhem cada vez mais a consciência do seu papel, relativamente à formação integral das crianças e jovens e à sua responsabilidade em desfazer assimetrias sociais, o que tem acontecido de forma residual.

A escola onde tenho desenvolvido a minha atividade profissional, o Externato Capitão Santiago de Carvalho em Alpedrinha, possui uma turma de 8º ano que apresenta o índice mais elevado de indisciplina, no 3º ciclo. Assim, torna-se pertinente compreender porque é que as situações de indisciplina acontecem e perceber o contributo dos pais e dos professores, na prevenção e no combate à indisciplina. Deste modo, o problema de estudo, ou a pergunta de partida a que esta investigação procura dar resposta, constituem as seguintes questões de estudo que se consideram importantes:

- Serão as estratégias aplicadas pelos professores aos alunos de 8º ano, as mais adequadas no combate à indisciplina?

- Os fatores género e o nível socioeconómico dos alunos interferem nos contextos educativos relativamente à indisciplina?

- Os pais envolvem-se na definição de regras e limites no sentido da prevenção da indisciplina?

De modo, a dar resposta a estas questões da investigação definiram-se os seguintes objetivos, compreender os fatores que desencadeiam em certos alunos da turma, comportamentos de indisciplina; perceber como é que os fatores género e o nível socioeconómico dos alunos interferem nos contextos educativos, relativamente à indisciplina; Compreender o modo como a escola identifica e atua perante os casos de indisciplina; perceber se os pais participam na vida escolar dos filhos e por fim, contribuir para a prevenção e para a diminuição da indisciplina, através da proposta de um projeto de intervenção.

Perante os objetivos e problemática descritos, optou-se pela metodologia do estudo de caso. Pretende-se com esta investigação, contribuir para a adoção de estratégias de intervenção social na escola, capazes de promoverem uma mudança de abordagem face às estratégias adotadas perante situações de indisciplina, promovendo deste modo a disciplina escolar.

Este trabalho divide-se em quatro partes principais. Assim numa primeira parte, procura-se contextualizar a investigação, nomeadamente através da fundamentação

teórica da pesquisa, incluindo a revisão da literatura acerca da temática da escola e da indisciplina.

A segunda parte refere-se ao plano de investigação / intervenção e metodologia, no qual se justifica e elucida o caminho a desenvolver, assente num paradigma qualitativo e quantitativo por se entender que as duas abordagens se complementam, possibilitando uma maior abrangência da problemática em estudo, recorrendo ao estudo de caso por se considerar o mais adequado, uma vez que vai permitir uma análise mais aprofundada de uma situação em particular, a turma em causa;

Na terceira parte concentra-se na análise e interpretação dos dados recolhidos, sendo posteriormente, discutidos com recurso à triangulação de dados.

Na quarta parte apresenta-se o projeto de intervenção delineado a ser aplicado no local onde se desenvolveu o presente estudo, o Externato Capitão Santiago Carvalho. Apresentam-se ainda, as considerações finais.

Por último, surgem as referências bibliográficas subjacentes à fundamentação teórica da pesquisa.

1. Os desafios da educação no século XXI

Nas sociedades atuais as mudanças constantes que ocorrem ao nível da diversidade cultural, das assimetrias demográficas, as constantes mudanças sociais e a massificação da informação globalizada, colocam aos indivíduos e às instituições constantes problemas e novos desafios. A educação enfrenta deste modo, inúmeros desafios e pressões, uma vez que contribui para a melhoria da sociedade, na formação de cidadãos críticos, responsáveis, conscientes, autónomos e ativos face à complexidade do século XXI. Neste sentido, Delors (1997: 68) refere que “cabe à educação fornecer às crianças e aos adultos as bases culturais que lhes permitam decifrar, na medida do possível, as mudanças em curso (...) os sistemas educativos devem dar resposta aos múltiplos desafios das sociedades da informação, na perspetiva de um enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício de uma cidadania adaptada às exigências do nosso tempo”.

O papel da escola na educação tem sido objeto de debate e reflexão, gerando alguma insatisfação, por não corresponder às elevadas expectativas depositadas nos sistemas educativos. Neste sentido (Simões, Formosinho & Fonseca, 2000: 406) referem que “com o tempo verificou-se que a escola não correspondia exatamente às esperanças nela depositadas. Surgiram, de facto, situações problemáticas de insucesso, absentismo e violência que motivaram não apenas descontentamento e críticas, mas também pesquisas várias, cujos resultados inspiraram, por sua vez, inovações diversas e reformas sucessivas. Estas não têm, contudo, conseguido cumprir por completo os seus objetivos e muitos são, por conseguinte, os problemas com que a escola se debate”.

O conceito de escola está ligado à educação. Compreender a escola é perceber a evolução das ideias sobre a educação. A escola, na I República portuguesa tinha como missão ser alfabetizadora e socializadora da população, enquanto promotora da autonomia social das crianças. Após a 1ª Guerra Mundial houve a necessidade de analisar o papel da educação relativamente ao desenvolvimento social a que se assistiu e às próprias funções da escola. Com a massificação da população que surge a partir dos anos 60, verificando-se um crescimento ao nível das oportunidades sociais, e de um crescimento económico, bem como um crescimento das taxas de escolarização. Surge a importância de analisar questões como os sistemas educativos, percursos escolares, desigualdades de oportunidades, escolaridade obrigatória. O alargamento da escolaridade obrigatória surge com o objetivo de combater o analfabetismo e democratizar o ensino, fazendo com que a escola fosse vista como uma imposição. Assim, sem qualquer motivação para o estudo, fator essencial na sala de aula, estes alunos frequentam a escola sem qualquer projeto de vida futura, (Sebastião 2007).

Os desafios que a escola de hoje enfrenta são cada vez mais exigentes, relativamente ao passado. A missão atual da escola é garantir que todos os jovens frequentem a escola e que todos aprendam. Este princípio aumenta a

heterogeneidade dos alunos quanto à origem social, às condições económicas e background escolar das famílias, aos recursos educativos em casa, às capacidades individuais e vocacionais, aos ritmos de aprendizagem e à diversidade dos interesses. É nesta desigualdade de situações e problemas, bem como no alargamento da escolaridade obrigatória que surgem, entre outras, as questões da disciplina e dos problemas comportamentais existindo, assim, a necessidade da integração plena de todos estes fatores (Rodrigues, 2012).

A regulamentação do alargamento da escolaridade obrigatória para todos os jovens com idades compreendidas entre os seis e os dezoito anos, surge com a Lei nº85/2009, de 27 de agosto, a qual alterou pontualmente a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986. Garantir que todos os jovens que frequentam a escola aprendem e concluem o seu percurso escolar com sucesso, constitui um verdadeiro desafio. Atualmente, as escolas, os professores e os sistemas educativos são considerados tanto melhores quanto menor for o insucesso escolar e quanto melhores forem os resultados escolares obtidos pelos alunos. Garantir que todos os alunos aprendem e adquirem as competências básicas de qualidade, implica o papel ativo de professores, pais e as famílias (Rodrigues, 2012).

A massificação dos sistemas educativos apresenta novos desafios, transforma o problema da disciplina, num verdadeiro desafio à escola contemporânea de massas. A gestão de comportamentos de grandes grupos passa a ser encarada como um problema permanente e sistémico, criando para as escolas a dificuldade de conseguir garantir que todos os alunos aceitam quadros comportamentais adequados ao bom funcionamento da instituição escolar. Garantir que no mesmo espaço relacional, se consegue obter alguma coerência comportamental por parte dos alunos, estes com sistemas de valores e quadros culturais múltiplos e a consequente movimentação migratória, consiste na grande dificuldade dos sistemas educativos (Sebastião, 2013).

As funções da escola são sobretudo transmitir conhecimento e promover a aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento do sujeito e a sua socialização (Benoit et al., 1988).

Pretende-se que a escola seja inclusiva. Dependendo do enquadramento legislativo que lhe dá suporte, uma escola inclusiva só se consolida com a prática dos atores que a implementam, tendo a ver com o saber-fazer, mas também com a atitude com que se perspetiva. A educação inclusiva implica novas práticas docentes. Implica também que a escola, no seu conjunto, perspetive a inclusão não apenas como um direito, mas também como um benefício, contribuindo para uma aprendizagem coletiva (Silva, 2011).

A escola atual universalizou-se no acesso de todos os jovens e crianças, prolongou o tempo de permanência de todos, criou a escola inclusiva, mas a exclusão escolar e as desigualdades escolares ainda se vão verificando (Seabra, 2009).

A escola enquanto instituição e as mudanças que têm ocorrido contribuíram para a necessidade de transmissão de conhecimentos da sociedade. A escola tornou-se,

assim, a instituição social através da qual o indivíduo acede aos conhecimentos, capacidades técnicas e valores que a sociedade lhe proporciona. À escola são colocadas e exigidas respostas que advêm das alterações na comunidade como contexto próximo e de alterações num contexto mais amplo como a sociedade, a mundialização e a globalização (Alarcão, 2002).

Na escola, onde o processo ensino-aprendizagem é melhor ou pior desenvolvido e organizado, mas essencialmente a toda uma estrutura de carácter administrativo e pedagógico que implica a avaliação dos alunos, a colocação dos professores, ou a falta de equipamentos e/ou infraestruturas, a inexistência de uma efetiva abertura da escola à comunidade ou ainda à análise das políticas educativas e de ensino e às realidades sociais, poderão contribuir para o insucesso escolar e indisciplina. Assim como, a distribuição dos alunos por turma, o absentismo dos professores ou a construção de uma estrutura curricular uniforme poderão também ser considerados como preditores do insucesso escolar e indisciplina.

Na opinião de (Rodrigues, 2012) a escola e os professores enfrentam o desafio de garantir que todos os alunos aprendem, o que pressupõe políticas educativas adequadas para enfrentar tal desafio, com implicações na formação de professores e no envolvimento das famílias. No âmbito da formação de professores, o uso de instrumentos de ensino diversificados, com recurso às tecnologias da informação e comunicação em sala de aula e a adoção de práticas pedagógicas alternativas, enquanto nas famílias, se procura o envolvimento dos pais e das famílias e o desenvolvimento de contextos familiares favoráveis à educação, na articulação entre a escola e as famílias.

Concluindo, numa sociedade moderna cada vez mais competitiva, em que a cada individuo é exigido a capacidade de adaptação e aprendizagem contínua, cabe à educação que enfrenta novos desafios “fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (Delors, 1997: 89).

2. Abordagem Sistémica na escola

A análise sistémica da realidade escolar tem abrangido aspetos que vão desde a escola enquanto organização, ao estudo do grupo-turma, à compreensão e intervenção a nível das dificuldades de aprendizagem, do insucesso escolar e da indisciplina, à relação entre a escola e família, entre outros (Alarcão, 2000b).

Na perspetiva de Bertrand (1991), a educação sistémica abrange o homem de forma multidimensional, incluindo a dimensão biológica, tendo em consideração o organismo; dimensão intelectual e comportamental, no que diz respeito à pessoa; social e relacional, tendo por base o cidadão e a dimensão simbólica, que representa o “ser”, todas estas dimensões caracterizam a abordagem sistémica, constituindo o método geral a seguir na organização do ensino.

A escola é um vasto sistema social que tem vindo a ser construído em função das necessidades da sociedade e dos significados culturais vigentes, cuja existência está ligada à própria família, num determinado contexto e tempo social. A escola é uma organização social que se concretiza em cada instituição escolar, e assim, cada escola é única na sua individualidade e na relação que co-constrói com outros sistemas com quem está continuamente em interação. Para Palazzoli et al. (1987), a escola enquanto complexo escolar gerido de forma centralizada, constitui um vasto sistema no qual se articulam diferentes subsistemas que comunicam continuamente entre si no contexto específico que é a própria escola. Vista na sua complexidade e globalidade, a escola é considerada um sistema aberto composto por elementos em interação e agrupados em diferentes subsistemas, tais como a turma, o corpo docente, a direção e os funcionários, em permanente interação com outros sistemas fundamentais para o funcionamento.

A contribuição da abordagem sistémica na escola “consistirá em esclarecer a dinâmica das 'relações entre as relações'; obter-se-á assim uma maior compreensão do complexo inter-relacional da 'comunidade educativa', que permitirá modificações neste conjunto” (Ricci & Palazzoli, 1984).

É, por isso, necessário que a escola se abra ao exterior, que perceba que se aprende com o conhecimento e a experiência de outros ramos do saber, que se valoriza quando aceita olhar para fora de si, quando procura hipóteses, paradigmas e estratégias noutras organizações, criando com elas protocolos de articulação que visem o sucesso e educativo dos alunos.

3. Indisciplina em contexto escolar

3.1. Conceito de Indisciplina

A indisciplina é um dos principais problemas da escola atual e um dos maiores problemas com que se confrontam os professores e comunidade educativa em geral, tornando-se assim importante debruçarmo-nos sobre o conceito de indisciplina.

Ao efetuar a revisão de literatura verifica-se uma pluralidade de abordagens e diferentes paradigmas investigativos, em torno do conceito disciplina/indisciplina. O conceito de indisciplina subjacente no presente estudo, refere-se à indisciplina em sala de aula, tendo presentes atitudes e condutas, por parte dos alunos, que não são aceites pelo professor, no desenvolvimento da sua prática pedagógica, perturbando deste modo a aula. Seguindo o pensamento de Domingues (1995) a indisciplina corresponde aos comportamentos relativos ao não cumprimento das regras, pressupondo a existência e definição de regras. Na mesma linha de pensamento, para Caldeira, Rego e Condessa (2007) a indisciplina surge associada à reincidência de comportamentos que perturbam o normal funcionamento das aulas, não sendo, contudo, classificados graves.

O conceito de indisciplina está relacionado com o conceito de disciplina. Consiste numa noção que surge num dado tempo e espaço e tende geralmente a ser definido pela negação ou pela privação da disciplina, ocorrendo a partir da quebra das regras instituídas (Estrela, 1994). Esta autora refere que perante a evolução da noção de disciplina e a evolução da sociedade, passámos de um estado de disciplina imposta, para um estado de disciplina consentida, pretendendo-se nos dias de hoje atingir uma situação de autodisciplina.

A indisciplina no ambiente escolar pode ocorrer, segundo Aquino (2005), de diversas formas, tais como: atraso do aluno na entrada para a aula, excesso de faltas, desinteresse, agressões físicas e verbais dirigidas ao professor ou aos colegas, ausência de material escolar, dormir na sala de aula, entre outros. O aluno que apresenta estes comportamentos é considerado indisciplinado e transgressor. Deste modo, um comportamento indisciplinado surge quando se contrariam algumas regras básicas, estabelecidas pela escola, pelo professor ou pela comunidade.

Na perspetiva de Silva (2013), o prolongamento da escolaridade obrigatória em Portugal, as mudanças na reforma educativa não acompanhadas das reestruturações necessárias, o insucesso escolar que muitas vezes se repercute em insucesso pessoal, as escolhas muito precoces na área vocacional, contribuem para que os jovens tenham ausência de objetivos e conseqüentemente comportamentos indisciplinados.

O conceito subjacente neste estudo, considera a indisciplina na sala de aula como a manifestação de condutas, por parte dos alunos, com atitudes que não são legitimadas pelo professor no contexto regulador da sua prática pedagógica e, conseqüentemente perturbam o processo normal de ensino-aprendizagem.

No presente estudo, excluem-se, por motivos teóricos e de abrangência concetual, desta definição de indisciplina os fenómenos de “violência escolar”, de “bullying” e de “delinquência”.

Atualmente nas escolas verificam-se formas muito diversas de agressividade entre os diferentes atores do meio escolar. Surge a necessidade de clarificar conceitos e noções a tratar neste trabalho. Pois, embora haja alguma proximidade entre os conceitos de violência, bullying, incivilidade e indisciplina, não significa, nem implica necessariamente que descrevam os mesmos fenómenos.

A indisciplina, violência e bullying são complexos porque envolvem sofrimento. O sofrimento de quem é agredido e das famílias que se sentem impotentes para lidar com estas situações. Sebastião, J. Campos, J. Alves, M. e Amaral, P. (2004) relativamente ao conceito de bullying e adotando a definição de Almeida, (1999), referem que bullying significa “abusar dos colegas”, “vitimizar” e “intimidar”, Pereira, Neto e outros (2001) consideram o conceito de bullying como agressão permanente e com intenção a intenção de magoar, surgindo entre pares. Os recreios e os espaços escolares, surgem como locais onde existe maior incidência de ocorrência de bullying.

As situações de violência implicam a presença de agressão, traduzem-se em determinado comportamento assumido por uma pessoa (agressor) com a intenção de magoar a outra pessoa (a vítima). Esta ação é intencional, podendo assumir caráter físico ou psicológico (Sebastião, 2009).

3.2. Causas da Indisciplina

A indisciplina na escola é um fenómeno que surge relacionado com a sociedade e o seu próprio sistema de ensino, enquanto fenómeno escolar, há questões, como o elevado número de alunos por turma, escolas superlotadas, edifícios degradados, falta de recursos, elevadas taxas de insucesso escolar, que geram tensões e desequilíbrios os quais se repercutem na escola. A massificação do ensino, o alargamento da escolaridade obrigatória para os 18 anos e as medidas que obrigam à permanência dos alunos na escola, mesmo estando excluídos por faltas, contribuem para que muitos alunos estejam na escola sem qualquer motivação e sem expectativas (Carita e Fernandes, 1997).

A indisciplina é um fenómeno que não se cinge somente ao espaço da sala de aula, mas também ao espaço escolar. Os atos de indisciplina têm a ver com a relação professor/aluno. Indisciplina é “gritar com o professor” e “gozar com o professor”, mas liga-se também a comportamentos que vão para além do espaço da sala de aula, isto é, “faltar às aulas” e “dizer asneiras” (Sebastião, Alves & Campos, 2003). Trata-se de uma agitação geral que compromete o funcionamento das aulas, agressão verbal e desrespeito pelas figuras de autoridade da escola.

Gomes, Silva, e Silva (2010) atribuem às causas da indisciplina fatores de ordem política e institucional, como as turmas grandes, enquanto nos fatores relacionados com os alunos, são referidas as dificuldades de aprendizagem, a desmotivação, a origem social e cultural dos alunos.

Os atuais modelos de gestão das escolas, demasiado centralizados e burocratizados, diminuem a responsabilidade dos diretores escolares na indisciplina e conseqüentemente a responsabilidade de professores e alunos. Este contexto de desresponsabilização proporciona um aumento da indisciplina, na opinião de Lopes (2013).

Do ponto de vista dos professores, parece existir algum consenso sobre a inexistência de regras uniformes e a existência de culturas de oposição à escola, como variáveis que contribuem para a indisciplina. Muitas condutas desajustadas e muitos incidentes não chegam a ser comunicados, não existindo qualquer sanção, o que acaba por constituir um incentivo à indisciplina. Esteves (1999:107), relativamente a esta questão, refere que ao “aluno pode permitir-se, com bastante impunidade, diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores ou aos colegas, sem que na prática funcionem os mecanismos de arbitragem teoricamente existentes.”

Na perspectiva de Sampaio (2015) a escola atual envolve pouco as famílias e tem falta de recursos apelativos nas salas de aulas. Há que mudar a forma de ensinar uma vez que “os alunos já alteraram o modo de aprender”.

Nos estudos desenvolvidos por Seabra, Casa Nova e Martins (2001) concluíram que, na perspectiva dos alunos, os comportamentos dos professores, e o papel do professor, pode potenciar comportamentos de indisciplina, tendo por base as características pessoais e profissionais dos professores e muitas vezes (des)valorizadas pelos alunos.

No âmbito dos estudos acerca da perspectiva dos professores relativamente à indisciplina, Lopes (1998), identifica uma relação entre os problemas de comportamento e as dificuldades de aprendizagem, atendendo aos resultados escolares obtidos pelos alunos. A profissão de professor deixou de ter o prestígio e reputação de outros tempos, assistimos a uma desvalorização socialmente atribuída à sua autoridade, situação para a qual contribuem as políticas educativas, dos últimos tempos, que incutem responsabilidades aos professores.

Segundo Estrela (2009), existem fatores do dia-a-dia da profissão de um professor, nomeadamente o tempo gasto na gestão da indisciplina, a tensão e a frustração que as situações provocam, que muitas vezes forçam o abandono precoce da profissão, constituindo uma má imagem social para o seu estatuto.

Afonso (1991) salienta a importância e a necessidade de integrar o conceito de indisciplina na formação inicial de professores. Na mesma linha de pensamento Carita e Fernandes (1997), destacam a importância do autoconhecimento do professor, na questão da indisciplina. Na organização e gestão da sala de aula o papel do professor é fundamental, no sentido de tornar possível o ensino. Deste modo, há que ter em conta a gestão do espaço, onde e como se sentam os alunos, a gestão do tempo, o ritmo da aula, entre outros, se estas condições não estiverem reunidas, dificilmente se processa o ensino, constituindo-se numa ameaça à ordem na sala de aula (Lopes 2013).

Vários estudos, ainda têm considerado que o género e a idade poderão contribuir para a indisciplina, nomeadamente (Amado & Freire, 2009), que referem que a indisciplina muitas vezes, surge associada aos rapazes, principalmente na idade da adolescência.

O rendimento académico dos alunos, também poderá constituir uma das causas de indisciplina para Lopes (2013), embora segundo este autor, seja um fator que nem sempre é associado às questões de indisciplina, os alunos com bom rendimento académico, ao contrário dos alunos com baixo rendimento escolar, não perturbam o funcionamento de uma aula. Refere mesmo, relação direta entre insucesso escolar e indisciplina. No percurso escolar dos alunos, o insucesso escolar pode ter influência no comportamento dos jovens, ajudando a promover comportamentos anti-sociais, nomeadamente, consumo de tabaco e álcool, uso de substâncias como a droga, delinquência (Goleman, 2014).

3.3. Consequências da indisciplina escolar

A indisciplina tem contribuído para uma crescente imagem negativa da escola, tornando-se uma preocupação para pais, professores e toda a comunidade educativa. Na atualidade é comum ouvir-se, que os alunos não têm regras, não se sabem ou não querem cumprir as regras, estão desmotivados, a escola não é valorizada, etc. (Carvalho, 2000). A indisciplina surge como um fenómeno complexo, manifestando-se de diversos modos e graus de intensidade, tendo subjacente múltiplos fatores de ordem social, pessoal e escolar.

Um estudo desenvolvido em 2004 acerca da realidade das escolas portuguesas, revelou que a indisciplina ao estar ligada a comportamentos e atitudes que perturbam e inviabilizam as aprendizagens, representa um dos principais fatores do insucesso escolar (Leandro, 2006, citado por Pereira, 2013).

Para além do impacto negativo da indisciplina no rendimento escolar dos alunos, também se repercute nos processos de socialização, ou seja, mau estar, stresse, fadiga, sentimentos de impotência, frustração, irritação, desejo de fuga à tarefa. A indisciplina interfere com os alunos, mas também com os professores, nomeadamente nas sensações de fracasso profissional e o desgaste físico e emocional (Estrela, 2002).

Nas escolas, a indisciplina é encarada, sobretudo, pelos agentes que nela atuam como um forte constrangimento nos processos de ensino-aprendizagem, na medida em que perturba a ordem escolar. Frequentemente se atribui a ideia de que o bom desempenho da escola só é possível através da subordinação dos alunos às normas que garantam a ordem escolar. Nestas circunstâncias, os alunos que não cumprem as normas, são considerados indisciplinados, desajustados, transgressores e, portanto, desviantes dos comportamentos esperados e padronizados. Neste sentido, para o desenvolvimento de uma leitura sociológica da indisciplina na escola, importa compreender o conceito de desvio e, o conceito, de desviante.

Segundo Becker, “os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes. Deste ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um “transgressor”. O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal.” (Becker, 1977:60). O desvio no contexto escolar surge na sequência do incumprimento das normas escolares, normas essas que são precedidas pela necessidade de regular comportamentos. A perspetiva de Becker representa um forte contributo para o desenvolvimento de um olhar sociológico, sobre a problemática da indisciplina nas escolas.

Ao observarmos os diversos modelos de relacionamento entre professores e alunos percebemos que, em geral, têm como base a expectativa de que os alunos devem respeitar as ordens e as orientações dos professores. Essa expectativa só é

possível na situação dos detentores do conhecimento, os professores terem dos alunos o respeito e a capacidade de trabalho que exigem. Assim, podemos entender algumas normas escolares como resultado da necessidade de mediar os relacionamentos entre professores e alunos, através da definição de regras que garantam as condições consideradas essenciais à aprendizagem.

Muitos dos comportamentos desajustados surgem pelo não cumprimento ao quadro de regras estabelecido pelo professor na sala de aula, mas que, pela sua persistência e dificuldade de controlo, inviabilizam frequentemente o próprio trabalho pedagógico. A dificuldade da escola em se adaptar às novas realidades criadas pela massificação escolar, pela diferenciação sociocultural dos seus alunos e paradigmas de aprendizagem, resulta em grande parte da incapacidade de transformação de modelos organizacionais e de trabalho pedagógico que ainda se estruturaram na escola que trabalhava essencialmente com pequenos grupos de alunos motivados/apoiados para cumprirem escolaridades de sucesso (Sebastião, 2009).

A indisciplina em contexto escolar enquanto problemática social, surge como um problema que é necessário prevenir, intervir e resolver, com o objetivo de melhorar as relações entre jovens, famílias, comunidade escolar e sociedade em geral.

3.4. Prevenção da indisciplina

A prevenção da indisciplina surge como uma medida importante a implementar, na opinião de Estrela (1992:12) é “fundamentalmente um problema de prevenção”. Esta investigadora, ainda refere a importância e necessidade da prevenção na indisciplina, no sentido de proporcionar uma melhoria na relação professor-aluno e nas aprendizagens, promovendo o desenvolvimento moral e social dos alunos.

Na perspetiva de Amado (2000) prevenir a indisciplina é ter em consideração a organização das situações e gestão da aula e as atitudes e relações que se estabelecem em sala de aula, podendo ser de carácter didático ou relacional.

Deste modo, podemos atribuir ao professor, enquanto agente privilegiado de mudança da indisciplina, sendo que a maioria dos problemas se manifestam na sala de aula e o professor, que é quem está no contacto direto com estes jovens, deverá orientar a ação do aluno, de modo a evitar problemas.

Assim, surge a necessidade do enfoque na formação de professores, para que possam atuar numa perspetiva preventiva relativamente à indisciplina nas escolas. Segundo Nóvoa (1997:25), “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.”

No mesmo sentido vão os estudos de Borges (2000:57), segundo o qual “precisamos ter presente que a formação inicial constitui o primeiro estágio da formação continuada, a qual deve acompanhar o profissional durante toda sua carreira e auxiliá-lo a construir sua identidade profissional”.

A prevenção da indisciplina, em contexto escolar tem assumido em vários países, como Portugal, França, Espanha, Inglaterra, uma intervenção ao nível da criação de uma área de educação para a cidadania nas escolas (Lorrain, 1999; Crick 2006; González-Pérez & Bozo 2007) citados por Vaz 2017 p.80. A criação da área não curricular de Formação Cívica, constitui-se como um fator importante, no ensino de valores e cidadania nas escolas e na prevenção da violência escolar, segundo González-Pérez & Bozo (2007) citado por Vaz 2017 p. 80.

Em Portugal, as políticas educativas dos últimos vinte e quatro anos, também tiveram em linha de conta a criação da área não curricular de Formação Cívica, de carácter obrigatório nas escolas do ensino básico (Decreto Lei nº 6/2001 de 28 de Setembro), contudo, em 2011, esta área deixou de ter carácter obrigatório com o (Decreto-Lei n.º 94/2011, de 3 de Agosto).

Na problemática da indisciplina, a escola, enquanto principal agente de socialização de crianças e jovens, deverá prevenir e combater este problema social, no sentido de proporcionar a qualidade e estabilidade na vida destes jovens, das famílias e da comunidade educativa.

3.5. Intervenção da escola na Indisciplina

O fenómeno da indisciplina tem constituído um dos maiores problemas na educação nos últimos tempos. Embora tenha sido realizada muita investigação, sobre esta problemática, no sentido de encontrar uma intervenção eficaz para a resolução deste problema Salvador (2003); no entanto a intervenção junto de crianças e adolescentes com problemas de indisciplina em contexto escolar, não se tem constituído uma tarefa fácil.

Na perspetiva de Estrela (2002) é fundamental a adotar uma política de prevenção da indisciplina que ajude a minimizar o seu efeito na escola e na sociedade.

O Ministério da Educação e Ciência (MEC) tem vindo a promover um conjunto de medidas no combate, na prevenção e intervenção na indisciplina, nomeadamente a medida regulamentada mais recentemente, pela Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro do Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário, no qual se estabeleceram os direitos e deveres dos alunos e o compromisso dos pais e encarregados de educação e educação no percurso escolar dos educandos e na a sua educação.

Outra medida, destinada a controlar a violência nas escolas, foi introduzida em 1992, mediante o protocolo celebrado entre o Ministério da Educação e o Ministério dos Assuntos Internos, com a criação do Programa Escola Segura.

Em 2006, Ministério da Educação, criou a Equipa de Missão para a Segurança Escolar, tendo particular atenção aos alunos provenientes de meios socialmente desfavorecidos e em situação de risco de exclusão social e escolar. Esta equipa avalia as ocorrências registadas pelas escolas, em articulação com o Observatório de Segurança na Escola.

Os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) criados em 1996 pelo Ministério da Educação, através do Despacho 147-B/ME/96, procuraram constituir uma medida específica de prevenção da indisciplina e violência em meio escolar. Ainda se devem destacar outros os programas e projetos do Ministério da Educação, nomeadamente o Programa Mais Sucesso Escolar, o Programa Integrado de Educação e Formação, em articulação com o Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, e o Programa Escolhas, promovido pelo Alto Comissariado para a Imigração e Dialogo Intercultural, com apoio do Ministério da Educação.

Embora a escola procure promover uma abordagem preventiva, sempre desejável e mais eficaz no combate à indisciplina escolar, existem determinados comportamentos e atitudes que, pela sua gravidade e amplitude, implicam a adoção de estratégias de intervenção para a indisciplina, as quais poderão constituir estratégias de resposta e preventivas. As estratégias de resposta estão relacionadas com os procedimentos de controlo e de penalização que os professores adotam perante as situações de indisciplina em contexto escolar (Amado, 1998, citado por Pinto, 2014), incluindo as medidas corretivas e sancionatórias previstas na Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro do Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário e que constam no regulamento interno de escola, que mais adiante será clarificado.

Quanto às estratégias preventivas constituem as ações, coordenadas ou não, com o objetivo de minorar ou afastar os comportamentos de indisciplina (Amado & Freire, 2009). Estas estratégias preventivas focam-se nos programas de intervenção ou medidas de resposta, com o objetivo de reduzir a intervenção nos casos de indisciplina. Os programas de intervenção em contexto escolar intervêm junto de grupos de alunos, em muitos casos grupos/turma, por vezes com recurso a intervenções combinadas entre famílias e escola.

Os programas que integram o treino de resolução de conflitos, a mediação de pares, as tutorias, os programas de lazer depois da escola, os programas voltados para a família, a terapia familiar e a aprendizagem de diversas competências pessoais e sociais, ou seja, os programas que treinam o comportamento dos alunos, obtêm melhores resultados (Lopes & Rutherford, 2001).

3.6. Algumas Investigações sobre a Indisciplina

Diversos são os estudos realizados acerca da indisciplina, em Portugal. Gomes, C., Silva, G. e Silva, D. (2010) no âmbito do projeto de investigação “Cidadania, Civismo e (In)disciplina” estudaram o tema da indisciplina na escola e na sala de aula, com base

nas opiniões e posições de professores, de alunos e de representantes de pais / encarregados de educação de uma escola. Aplicaram o inquérito por questionário aos vários elementos da comunidade educativa, com o objetivo de recolher informação, procurando saber se a indisciplina representa um grande problema para a escola: a atribuição causal da indisciplina, perceção da indisciplina e medidas de combate à indisciplina.

Concluíram que a indisciplina, na opinião de professores e representantes de pais e encarregados de educação, é vista como um grande problema, parecendo resistir a todas as tentativas de solução. Verificaram ainda, que existe uma certa sintonia na definição dos problemas e das suas soluções, entre todos os agentes envolvidos na comunidade educativa. A indisciplina constitui um fator perturbador, quer da relação pedagógica, quer da relação entre os alunos e outros agentes educativos, afetando negativamente a aprendizagem e os resultados escolares de muitos estudantes. Perante essa situação os investigadores verificaram que os professores elegeram como prioritárias as seguintes medidas, “o reforço da Educação Cívica, o apelo a uma maior colaboração dos pais, a promoção de debates sobre valores e atitudes, a responsabilização conjunta dos professores e dos alunos e a participação dos alunos na definição de regras na sala de aula” (Gomes, C., Silva, G. e Silva, D., 2010:10).

Barros & César, (2009) estudaram o fenómeno da indisciplina e da violência escolar. Para o efeito, realizaram um estudo de caso intrínseco, numa escola secundária com 3ºciclo, nos subúrbios de Lisboa. Assumindo uma abordagem interpretativa, pensando na indisciplina e violência escolar a partir das condições da própria escola. Com esta investigação pretenderam perceber os aspetos organizacionais que influenciam a indisciplina e a violência, caracterizando-os. Os participantes nesta investigação, eram todos os alunos considerados problemáticos dessa escola. Os instrumentos de recolha de dados foram o questionário, a recolha documental, conversas informais e o diário de bordo da investigadora.

Nesta investigação os autores chegaram à conclusão que os alunos considerados problemáticos são maioritariamente do género masculino. Observaram, também, que é nos 7º e 8º anos de escolaridade, que ocorre o maior número de participações disciplinares e de queixas, quer formais quer informais. Referem ainda, que os alunos com insucesso escolar terão maior propensão para atuações desajustadas, influenciando-se dois aspetos mutuamente. Relativamente ao local de violência na escola, uma grande parte dos alunos afirmam que a violência ocorre nos intervalos, entre os colegas. Quanto à questão do melhor da escola, os alunos intervenientes no estudo, referem que são os intervalos, o clima da escola e as aulas, por ordem decrescente. Finalmente os investigadores concluíram que os alunos mudavam na escola, os horários em primeiro lugar. Em segundo lugar mudavam as instalações. Em terceiro lugar aparecem as regras de escola e as aulas como algo que os alunos gostavam de ver alterado, e, em último lugar os professores.

Sebastião, Alves & Campos (2003), no estudo de caso desenvolvido numa escola do centro de Lisboa, concluíram que as situações de indisciplina não se encontram somente ligadas aos bairros de exclusão e de segregação social, devendo ter em conta igualmente fatores ao nível da estrutura física das escolas (qualidade dos espaços físicos) e a implementação de estratégias pedagógicas nas escolas. Deste modo, na indisciplina deve-se ter em atenção as diferentes variáveis que interferem no processo e não se cingir somente, à variável cultural e social. Assim, o conceito de indisciplina implica os fatores culturais das diferentes classes sociais e a situação que desencadeia a indisciplina.

Henriques, (2018) realizou um inquérito no âmbito da indisciplina na escola, aplicado a um universo de 2348 professores de forma aleatória e estratificada, via internet, que lecionam em Portugal. Concluiu que os professores são de opinião que na sua escola e na sua sala de aula há pouca indisciplina; as situações de indisciplina mais frequentes, têm menor gravidade, enquanto as menos frequentes, maior gravidade; o tempo gasto por metade dos professores inquiridos, com situações de indisciplina é menos de 20% do tempo de aula; perante situações de indisciplina, os professores reagem com advertência calma, dialogando com os alunos de forma coletiva e individualmente; os problemas familiares (económicos, afetivos, falta de acompanhamento parental), a falta de valores morais e o desinteresse pela escola, constituem as principais causas da indisciplina. Salienta, que uma maior responsabilização dos pais / encarregados de educação, redução do número de alunos por turma e a aposta na formação parental, segundo os professores constituem os principais fatores de redução da indisciplina escolar. Os professores ainda são defensores da criação de gabinetes escolares e consideram que a direção da sua escola resolve as situações de indisciplina de acordo com a gravidade da situação.

4. O papel da Família e do Grupo

As famílias são agentes privilegiados de transmissão de valores humanos, de identidade cultural e da comunidade histórica, a sua função ganha um papel preponderante no desenvolvimento de cada geração. A família é o espaço onde se espera que os afetos aconteçam de uma maneira natural, sem constrangimentos, sendo que cada ser tem um lugar único e insubstituível. É na família que se faz a aprendizagem de dimensões significativas da interação: contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais e relações afetivas. A família não está imune a transformações, onde surgem as mudanças significativas nos costumes e nos valores tradicionais, quer pelas transformações económicas, demográficas, quer pela evolução da ciência e da tecnologia (Alarcão, 2003).

Analisar e descrever as dinâmicas da família e as alterações de paradigmas e as suas mutações na vida quotidiana em relação às estruturas tradicionais dos modelos de parentalidade, constitui uma vertente da sociologia da família. Importa explicitar de que forma as vivências dos vários elementos da família influenciam nos modelos

dos vários membros da família. Este micro núcleo social, que tem por base o contrato social casamento.

A diminuição da dimensão das famílias ajuda a explicar algumas alterações nos processos educativos familiares: por um lado, os filhos experimentam a unicidade da sua idade sem possibilidades de se confrontarem com outros de idades próximas e, por outro, os pais têm menos experiência de crianças, pelo que lhes é mais difícil saber enfrentar as fases de crescimento dos filhos. A dispersão geográfica/social, baseada no desenvolvimento do urbanismo e nos fenómenos de mobilidade social, criou a impossibilidade de as famílias se constituírem como redes de apoio, dada a passagem de famílias alargadas a núcleos familiares isolados e dispersos (Marques & Sarmiento, 2007).

Analisar a família na perspetiva sistémica, requer perceber a evolução do conceito de família que tem vindo a adquirir, novas tendências, novas configurações familiares, permitindo novas conceções de família e da organização da vida dos seus membros. A dinâmica da família na sua organização interna tem vindo a alterar-se.

Na perspetiva de Leandro (2001:190). “A família é o que parece integrar melhor a dimensão do privado e do público, do individual e do social. Logo, há um conjunto de lógicas que nunca poderão ser apreendidas isoladamente, mas antes na qualidade das relações que estabelecem entre família e determinados fatores da vida económica, social, cultural, espacial e política.”

A família é um dos lugares privilegiados de construção social da realidade nas suas dimensões de espaço físico, relacional e simbólico (Saraceno, 1997), tendo por missão a transmissão de valores e normas sociais através dos quais as crianças e os jovens orientam as suas práticas e relações sociais e como se relacionam com a sociedade.

A família é vista como um contexto cultural onde a criança adquire, interioriza e reconstrói orientações e definições normativas que vão ao encontro da conformidade social. Neste processo, intervêm também fatores de natureza socioeconómica que interferem nas dinâmicas familiares contribuindo para a estruturação das práticas educativas pelas quais os controlos sociais são exercidos (Ferreira, 1997).

À indisciplina presente nas nossas escolas, é comum associá-la à mudança nas relações que surgem nas famílias e às alterações ocorridas no conceito tradicional de família. A um estilo educativo tradicional, sucedeu um estilo educativo permissivo, pautado pela falta de autoridade, verificando-se “uma inversão da hierarquia, sendo os filhos a impor a lei lá em casa”, como refere Lopes (2009:24).

O tipo de socialização familiar ao qual o jovem pertence, está muitas vezes ligado às expectativas de sucesso ou de fracasso escolar de cada aluno. Devido à sua origem social e à baixa formação académica dos pais, muitos alunos acabam por ser rotulados como culturalmente carenciados, promovendo a ideia de incapacidade e de expectativas que vão no sentido do insucesso e indisciplina, reforçando os estereótipos formados. Contudo, a indisciplina não é apenas um problema das famílias

desfavorecidas, sendo igualmente um problema das famílias com mais recursos económicos e socialmente mais favorecidas, verificando-se uma demissão das famílias no papel de educar, nomeadamente na imposição de regras. Neste sentido, Savater (2006) refere a importância da figura de autoridade em casa, no desenvolvimento pessoal e social da criança.

Marques (2011) e Sampaio (2011) referem a importância de responsabilizar as famílias perante a educação que dão aos seus educandos, considerando o seu papel fundamental na mudança, reconhecendo que no mau comportamento, o aluno deve ser responsabilizado e deve procurar corrigi-lo. Na perspectiva de Veiga (2007:10), “desta maneira poderão aprender a tornar-se seres responsáveis”.

A aquisição das competências e dos saberes escolares das crianças e jovens realizam-se no âmbito da escola, da família, dos amigos, dos serviços sócio-educativos, etc. Todos estes espaços remetem-nos para o espaço de aprendizagem. Se o sucesso escolar poderá depender de todos esses fatores, as interações educativas entre os diversos locais de aprendizagem, constituem outro aspeto importante. Na realidade a aquisição de um saber escolar depende de um duplo processo por parte do aluno, por um lado, deverá dominar as tarefas cada vez mais complexas e, por outro lado, compreender a situação de ensino. É da qualidade desta ligação entre estes dois processos que haverá a qualidade da aprendizagem.

Para que haja sucesso educativo, a relação educativa deverá ser mais alargada para além da tradicional díade professor/aluno, devendo estender-se à família. A comunicação escola/família constitui um pilar importante nas aquisições escolares (Ferreira, 1997).

Atualmente, as políticas educativas têm alargado o seu campo de ação, dando maior importância às interações com a família, considerando o contributo educacional da família para o sucesso do aluno. Esta importante relação decorre do papel que cada instituição desempenha, na vida da criança, sendo um dos principais papéis da família a socialização da criança, através do ensino da língua e das regras de convivência. A família e a escola deveriam ter ideais comuns e dividir o trabalho de educar as crianças, numa relação que envolve expectativas recíprocas (Carvalho, 2004).

No percurso de qualquer aluno e para o seu sucesso, o interesse na aprendizagem, a motivação, o esforço e a sua própria força de vontade, constituem-se fatores decisivos. A família e a escola têm um papel preponderante no sucesso escolar do aluno, contudo a sua força de vontade, o estar motivado e o acreditar nas suas próprias capacidades serão determinantes para o êxito.

À medida que as vidas das crianças se modificam, a resolução das questões entre pares e com os pais também se vai alterando. Um pré-adolescente terá um desejo de autonomia cada vez mais intenso, logo a capacidade de resolução de problemas e de negociação com a família começa a deteriorar-se (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

A família surge como o grupo social mais importante para a criança. No seio da família vão adquirindo o modelo parental e formas de lidar com situações do dia-a-dia e com os outros. O comportamento dos pais ajuda a mediar o comportamento social das crianças com pares, favorecendo competências de solução de problemas, expressão de afeto e a capacidade de descentração. À medida que as crianças crescem, começam a afastar-se da influência parental, o grupo de pares abre novas perspectivas. O grupo de pares ajuda os jovens a formar opiniões sobre si mesmos, a aprender a viver em sociedade, adaptar os desejos e necessidades aos dos outros e oferece ainda a segurança emocional.

Para ser membro de um grupo de pares o jovem deve aceitar os seus valores e normas de comportamento, mesmo sendo indesejáveis, caso contrário fica comprometida a sua aceitação nesse grupo. Habitualmente, é na companhia dos pares que os jovens agem de formas antissociais.

A ausência da aceitação social por parte do grupo de pares poderá implicar um desajustamento social e pessoal, ao nível do desinteresse e abandono escolar, indisciplina, insucesso escolar, comportamento aditivo, suicídio, delinquência, entre outros (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Parte II - Plano de Investigação / Intervenção e Metodologia

1. Problema e objetivos do estudo

A formulação do problema num projeto de investigação/intervenção, é de extrema importância para o êxito do projeto. A questão deverá ser elucidativa, bem como clara e partir de uma formulação com base numa reflexão teórica em que o investigador procura destacar as dinâmicas sociais, políticas, económicas e culturais, possibilitando uma melhor observação, compreensão e avaliação dos mesmos, permitindo uma interpretação mais concreta (Quivy, 1992).

Perante a reflexão teórica realizada e o conhecimento da realidade do Externato Capitão Santiago de Carvalho, relativamente à temática da indisciplina, concluiu-se que seria de todo o interesse aprofundar o estudo, com base numa turma de 8º ano, a qual representa a turma mais problemática e com mais casos de indisciplina, no 3º ciclo. Torna-se, assim, pertinente compreender porque é que as situações de indisciplina acontecem e perceber o contributo dos pais e dos professores na prevenção e no combate à indisciplina. Deste modo, o problema de estudo, ou a pergunta de partida a que esta investigação procura dar resposta, está relacionada com as seguintes, questões de estudo que se consideram importantes:

- Serão as estratégias aplicadas pelos professores aos alunos de 8º ano, as mais adequadas no combate à indisciplina?

- Os fatores género e o nível socioeconómico dos alunos interferem nos contextos educativos relativamente à indisciplina?

- Os pais envolvem-se na definição de regras e limites no sentido da prevenção da indisciplina?

Deste modo, esta investigação possui os seguintes objetivos:

Compreender os fatores que desencadeiam em certos alunos da turma, comportamentos de indisciplina.

Perceber como é que os fatores género e o nível socioeconómico dos alunos interferem nos contextos educativos, relativamente à indisciplina.

Identificar as representações que os pais/encarregados de educação possuem relativamente às regras e limites que incutem aos filhos.

Compreender o modo como a escola identifica e atua perante os casos de indisciplina

Contribuir para a prevenção e para a diminuição da indisciplina através da proposta de um projeto de intervenção.

2. Metodologia de Investigação

Um investigador tem ao seu dispor diversos métodos de pesquisa, tendo como principal objetivo aprofundar os seus conhecimentos, para melhor compreender os fenómenos ou problemas em estudo.

A investigação em educação é um campo de ação, assim como, pensamento multireferenciado, ou seja, perante diferentes perspetivas disciplinares, epistemológicas e metodológicas; diversas práticas educativas; contextos, percursos profissionais, áreas disciplinares diferenciadas, origina uma multiplicidade de trajetos e de interesses na comunidade científica, Alves e Azevedo, (2010).

Na perspetiva de Gil (1999:42), “o objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

A metodologia demarca os procedimentos a ter na investigação, daí ser uma etapa muito importante. Segundo Fortin (2003), a metodologia é a estratégia que permite delinear as diferentes opções para o estudo que se está a desenvolver, não sendo os dados obtidos na pesquisa, indiferentes à sua forma de concluir.

Segundo Guerra (2002:119), “a metodologia de projeto, quaisquer que sejam os seus entendimentos, objetos e formas de utilização, apresenta-se como uma previsão ou como um acompanhamento intelectual da produção de uma mudança. Neste sentido, ela adquire o seu pleno significado face a processos de intervenção social, de pesquisa – ação ou desenvolvimento local.

Na perspetiva de (Lima, 2000:11-12) a metodologia “ consistirá na análise sistemática e crítica dos pressupostos, princípios e procedimentos lógicos que moldam a investigação de determinados problemas sociológicos. Situam-se aqui as questões relacionadas com a estratégia de pesquisa a adotar em referência e adequação a certos objetos de análise e em ordem à relação e integração dos resultados obtidos através do uso das técnicas”.

Daí ser importante assegurar em qualquer estudo, a validade e credibilidade científica nos resultados que se pretendem obter, sendo assim necessário apresentar previamente os procedimentos a desenvolver nas várias etapas, para atingir os objetivos propostos, uma vez que qualquer investigação tenta dar conta da realidade que se pretende conhecer, com o objetivo de encontrar respostas para as questões e dúvidas, utilizando para isso técnicas e meios adequados.

O objeto da pesquisa educativa confunde-se com o próprio sujeito, assumindo a investigação a função promotora da reflexividade, mudança nos próprios sujeitos que realizam a investigação ou nos contextos onde estão inseridos ou sobre os quais realizam a pesquisa (Alves e Azevedo,2010).

3. Opções metodológicas

Na investigação em curso, torna-se importante seguir uma abordagem qualitativa, recorrendo igualmente à abordagem quantitativa. Considerando as principais características da investigação qualitativa e quantitativa poderá compreender-se as diferentes situações de indisciplina que acontecem na perspetiva de pais, professores e alunos e fornecer-nos dados para ajudar a ultrapassar estes comportamentos de indisciplina.

A articulação de ambas as abordagens contribui da mesma forma que utilizando somente uma, enriquecendo a própria investigação. Na opinião de Flick (2005, citado por Pardal & Lopes, 2011), é possível uma articulação entre a investigação qualitativa e a investigação quantitativa, podendo a relação entre ambas estabelecer-se a diversos níveis, nomeadamente nos planos de pesquisa; na combinação de dados qualitativos e quantitativos; na articulação dos resultados qualitativos e quantitativos; e na generalização da investigação. A utilização do método misto contribui para o enriquecimento do estudo e uma melhor compreensão dos objetivos.

Na perspetiva de Bogdan e Biklen, (1994), a investigação qualitativa apresenta cinco características, podendo ou não, cada estudo possuir todas elas. Assim, destaca a fonte direta de dados enquanto ambiente natural e instrumento principal do investigador; Os dados recolhidos são sobretudo, descritivos; interesse mais pelos processos do que pelos resultados; análise de dado de forma indutiva; os pontos de vista dos participantes são valorizados.

Na opinião de Alves e Azevedo (2010), a abordagem qualitativa será aquela onde melhor se compreendem os fenómenos educacionais apreendendo-os na sua complexidade e dinâmica. Com base nessa interação, onde sujeito e objeto de investigação fazem parte, o conhecimento pode ser construído, em potencialidade e criatividade.

O método qualitativo tem por objetivo compreender os sujeitos com base nos seus pontos de vista, constituindo estes, o constructo de investigação, o que poderá constituir uma desvantagem na investigação, na medida em que a interpretação que o investigador faz acerca dos pontos de vista, poderá não representar o que efetivamente os sujeitos pensam sobre si próprios, Bogdan e Biklen, (1994).

A intersubjetividade existente na relação sujeito-objeto constitui uma das principais características do método qualitativo, uma vez que os participantes possuem uma experiência e um saber baseado na vivência de determinado fenómeno, deste modo os indivíduos são considerados como unidade de referência. Deve-se salientar, que nesta abordagem, o investigador é o principal instrumento de recolha de dados, estando em constante interação com o real objeto de estudo, encarando-o de forma holística. Conclui-se assim, que os dados são recolhidos no contexto natural onde ocorrem (Fortin, 1999).

No âmbito desta investigação, na recolha de dados privilegiaram-se procedimentos metodológicos respeitantes às duas formas de inquérito: questionário de tipo fechado e de tipo aberto. O questionário de tipo fechado, característico da abordagem quantitativa, enquanto no questionário de forma mais aberta, característico da abordagem qualitativa, com recurso a entrevistas e observações. No que refere ao tratamento de dados, poderá utilizar-se igualmente os dois métodos, quantitativo, quanto ao tratamento estatístico e o método qualitativo, relativamente à análise e interpretação do conteúdo Morais e Neves (A2007).

Na perspetiva de Rocha e Deusdará a análise de conteúdo consistirá na sistematização da informação, apresentando-se como uma “estratégia de encobrimento de uma “significação profunda” que se deseja recuperar (...) a pretensão da análise de conteúdo é vislumbrada na possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do verdadeiro significado (...) descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não detínhamos a compreensão” (Rocha e Deusdará, 2005:307-310).

A análise de conteúdo poderá ser uma técnica qualitativa ou quantitativa que permite um processo de codificação, mediante a definição de categorias.

A definição dos objetivos de pesquisa divide-se em três fases, “definição de um tema; definição do problema de pesquisa e do próprio fundamento da investigação; identificação dos principais conceitos, dimensões e indicadores” (Moreira, 1994:20).

O processo de pesquisa vai evoluindo em seis níveis todos eles relacionados, segundo Aires (201:17) “o investigador, os paradigmas de investigação, as estratégias e métodos de investigação nos paradigmas qualitativos, as técnicas de recolha de materiais empíricos, os métodos de análise de informação e por último a avaliação e conclusão do projeto de pesquisa”.

4. Opções metodológicas: o estudo de caso

A escolha do método de investigação mais adequado constitui uma tarefa complexa e difícil para o investigador, devido à complexidade e subjetividade presentes nesta área de conhecimento, que é a área das ciências sociais e humanas Bogdan e Biklen, (1994).

Segundo Pardal e Correia (1995:10), “O método consiste, essencialmente, num conjunto de operações, situadas a diferentes níveis, que tem em vista a consecução de objetivos determinados. Corresponde a um corpo orientador da pesquisa que, obedecendo a um sistema de normas, torna possíveis a seleção e a articulação de técnicas, no intuito de se desenvolver o processo da verificação empírica”.

Definir o método consistirá no plano orientador do trabalho a desenvolver, perante determinados objetivos.

Nesta investigação, optou-se pelo método de estudo de caso, enquadrando-se numa abordagem qualitativa, frequentemente utilizado na recolha de dados deste tipo de investigação, por se constituir o mais adequado e real, permitindo uma análise mais aprofundada de uma situação particular: a indisciplina numa turma. Segundo Dubé e Paré (2003:607-616), quando se opta pelo estudo de caso, há que ter presente, três fases: o planeamento, o qual compreende assuntos relacionados com a pesquisa realizada; a recolha de dados, que diz respeito ao inerente processo de recolha de dados; e a análise dos dados, referente ao processo de análise de dados.

Segundo Marcelo et al (1991) um estudo de caso deve obedecer a determinadas características. Assim, destaca-se a particularidade, no que diz respeito às unidades de análise, atribuem-se traços distintivos que permitem integrá-las, permitindo a possibilidade de se constituírem como um todo; a realidade, os estudos de caso ao criar situações da realidade podendo integrar a mesma; participação, de todos os sujeitos intervenientes na investigação; negociação, uma realidade pode ser vista de diferentes perspetivas; confidencialidade, no sentido de não prejudicar os participantes da investigação; totalidade, devem refletir todos os elementos que fazem parte da realidade do estudo, enquanto unidade; acessibilidade, utilização de uma linguagem acessível, a qualquer pessoa que esteja fora do contexto da observação.

Bogdan (1994) considera que os estudos de caso não exigem muito tempo, o que ajuda o investigador a dedicar-se, essencialmente, à recolha de informações que permitam a generalização de opiniões, perceções ou situações relativamente à problemática definida. Na perspetiva de Yin (2001), um estudo de caso consiste numa estratégia privilegiada quando se pretende investigar o como e o porquê das situações, quando o investigador tem pouco controlo sobre os fenómenos e estes são contemporâneos, fazendo parte do contexto da vida. Define estudo de caso “com base nas características do fenómeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos” (p.13).

Coutinho e Chaves (2002) definem o estudo de caso com base em cinco características básicas, nomeadamente enquanto sistema limitado, não existindo definição clara e precisa das noções de tempo e de processos; há que identificar a situação para atribuir o objetivo e direcionar a investigação; o carácter único, específico, diferente e complexo do caso, deve ser preservado; na investigação privilegia-se o ambiente natural e verifica-se o recurso a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha diversificados.

Na opinião de alguns autores uma das desvantagens do estudo de caso é a não generalização dos resultados para outras instituições, mas como refere Pais (2001:109) “os estudos de caso, como acontece nas demais metodologias qualitativas, orientam-se para uma epistemologia interpretativa. Ao estudar-se um caso, o objetivo não é o de representar o mundo, basta a representação do caso. Aliás um caso não

pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se refletir”. O presente estudo não pretende extrapolar os dados, mas perceber com esta turma, as diferentes intersubjetividades.

Assim, após uma revisão de literatura e perante as questões de investigação e os objetivos definidos, com base numa abordagem mista (qualitativa e quantitativa), recorreu-se ao método do estudo de caso, por possibilitar uma análise mais aprofundada de uma situação particular. Compreender a problemática da indisciplina numa turma de 8ºano, com vista a uma análise do contexto e dos processos envolvidos, permitindo os resultados obtidos contribuir para a construção de um plano de intervenção.

Neste sentido, Pardal e Correia (1995:22) referem que, “viabilizando o conhecimento pormenorizado de uma situação, por recurso a métodos qualitativos e quantitativos, o estudo de caso permite compreender naquela o particular na sua complexidade, ao mesmo tempo que pode abrir caminho, sob condições muito limitadas, a algumas generalizações empíricas, de validade transitória”.

Nos estudos qualitativos o critério que determina o valor da amostra, não é a sua representatividade, mas “a sua adequação aos objetivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas (...) os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu carácter exemplar” (Albarello et al., 1997:103). A investigação quantitativa permite o recurso a escalas e medidas que permitem uma maior objetividade na apresentação dos resultados, Stake (2007).

5. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

Pretende-se, com a recolha de informação, contribuir para melhorar a organização do estudo, descrever a interação entre os atores. A recolha de dados tem por objetivo a recolha de informação para verificar a eficácia de uma ação, do funcionamento de um sistema, com o objetivo de, posteriormente, se introduzir eventuais modificações (Ketele & Roegiers, 1998: 137).

“As técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa” (Almeida e Pinto, 1995:85).

Os instrumentos de recolha de dados a utilizar nesta investigação seguiram os procedimentos metodológicos associados às duas abordagens (qualitativa e quantitativa). Assim, recorreu-se ao inquérito por questionário, característico da abordagem quantitativa, e utilizou-se a entrevista, a análise documental e observação registada em grelha de observação, característicos da abordagem qualitativa. Estes instrumentos na perspetiva de Fortin (1999: 245) baseiam-se “nos testemunhos dos sujeitos, não tendo geralmente o investigador acesso senão ao material que o participante consente em fornecer-lhe”.

Os dois questionários para pais e alunos que constam em anexo, foram construídos de modo a serem adaptados às especificidades dos sujeitos a inquirir.

Procedeu-se à caracterização do universo, para melhor definir a amostra do estudo e conhecimento dos participantes. O trabalho de recolha de dados iniciou-se em abril de 2018, concluindo-se em junho do mesmo ano, deste modo aplicaram-se os instrumentos selecionados de acordo com a amostra definida, a turma de 8º ano, a qual registava o índice mais elevado de situações de indisciplina no 3º ciclo. Os inquéritos foram aplicados a 19 pais e encarregados de educação, e a 24 alunos da turma em estudo. As entrevistas foram aplicadas a um diretor de turma e aos 2 professores, cujas aulas foram observadas, para além dos registos de observação e análise de conteúdo.

6. Amostra

Numa investigação social será difícil abranger toda a população pelo que se deverá delimitar a amostra do estudo. A definição da amostra surge como uma etapa determinante e essencial numa investigação, comprometendo a sua realização. Segundo Fortin (1999: 202) a população alvo poderá definir-se como “uma população particular que é submetida a um estudo”, sendo esta “constituída pelos elementos que satisfazem os critérios de seleção definidos antecipadamente e para os quais o investigador deseja fazer generalizações”.

Assim, atendendo aos objetivos do estudo, recorreu-se à técnica não probabilística, a qual foi aplicada de forma intencional, por conveniência, uma vez que se recorre a um grupo já constituído que é a turma. Embora, à amostra por conveniência não se possa atribuir que seja representativa de todas as turmas da escola, pelo facto de se considerar não casual, não probabilística ou não aleatória (Sousa, 2011). Os dados recolhidos apenas são válidos para este caso-turma.

A escolha intencional desta turma surge com base num conjunto de critérios, que se consideraram decisivos na seleção, tendo por objetivo selecionar a turma mais problemática: alunos com mais ocorrências registadas de casos de indisciplina, mais queixas de falta de regras, por parte dos professores e dificuldades dos professores na sua prática pedagógica, devido a problemas de indisciplina. Selecionou-se a turma de 8º ano, sendo esta, a que apresenta mais alunos com problemas de indisciplina, na frequência do 3º ciclo, no Externato Capitão Santiago de Carvalho.

Deste modo, colaboraram os alunos, encarregados de educação e respetivo Diretor de Turma, da turma de 8º ano e dois professores.

Perante a amostra intencional, há limitações, como a subjetividade, pelo que não se pode considerar uma base sólida de representatividade do universo. Contudo, Pardal e Lopes (2011:63) afirma que “pode fornecer interessantes indícios a respeito do fenómeno em estudo” por ser “centrada em indivíduos portadores de um ou vários atributos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma teoria”.

Com base na amostra definida e metodologias previamente definidas, utilizaram-se diversas técnicas, que de seguida serão explicitados.

7. Instrumentos

7.1. Análise Documental

A análise documental baseou-se na observação de documentos referentes à instituição onde foi desenvolvido este estudo, nomeadamente, projeto educativo, plano de atividades, regulamento interno, atas de direção de turma e processos disciplinares instaurados, aos quais se fez uma análise de conteúdo. Deve-se salientar, que os dados recolhidos contribuíram por um lado, para um conhecimento mais aprofundado da realidade, e por outro ajudaram à concretização dos objetivos do estudo.

7.2. Observação direta

No âmbito da estratégia metodológica qualitativa deste estudo, ainda se recorreu à técnica de observação. A prática da observação constitui uma das técnicas que melhor se adequam ao estudo da realidade social, permitindo na opinião de Gonçalves (2004:66), “apreender os comportamentos e os acontecimentos no próprio momento em que eles se desenrolam nos seus contextos naturais e na riqueza (inter)subjativa”.

Para realizar a técnica de observação utilizou-se o contexto natural, ou seja a sala de aula, recorrendo-se a uma observação mais sistemática em que o investigador não se envolveu, nem interferiu com a situação observada.

Deste modo, procedeu-se à elaboração de uma grelha de observação (Apêndice A) composta por vinte e duas questões. Constando dessa grelha, por um lado, um conjunto de comportamentos e atitudes dos alunos em sala, constituída por itens que se referem às atitudes de interesse, respeito e participação dos alunos neste contexto e a postura dos alunos em sala de aula e por outro, uma relação de atitudes do professor em sala de aula, da qual consta as práticas pedagógicas dos professores relacionados com a capacidade do professor gerir a sala de aula, ao nível da indisciplina.

Observou-se a aula de Ciências Naturais, por se ter verificado que era a aula onde havia registo de menos ocorrências de indisciplina, procedendo-se ainda à observação da aula de História, por ser a disciplina com mais registos de indisciplina. Na observação das aulas, recorreu-se a duas observações, a cada uma das disciplinas. Foi previamente explicado o propósito e interesse em observar as aulas de ambas as professoras e combinadas as datas das observações. Ambas acederam de imediato ao pedido, concordando com as observações, tendo informado os alunos de que iriam ter a presença da psicóloga escolar durante duas aulas. Durante a observação das aulas

em questão, os alunos reagiram de forma positiva e natural à presença da psicóloga escolar, com quem apresentam bom relacionamento.

7.3. Inquérito por questionário

Nesta investigação foram utilizadas diversas técnicas de análise. No que diz respeito à metodologia quantitativa recorreu-se ao inquérito por questionário, uma vez que permite objetivar a informação, permitindo a possibilidade de quantificar os dados e daí retirar as conclusões e deste modo, obter um conjunto de discursos individuais, interpretando-os, podendo generalizá-los. Segundo Carmo & Ferreira (1998), o inquérito por questionário, enquanto instrumento de recolha de informação, preenchido pelo inquirido, constitui a técnica de recolha de dados mais utilizada no âmbito da investigação sociológica.

Na opinião de Lima, (2000:35), um dos aspetos importantes nos inquéritos “reside no facto de recolherem e tratarem a informação de forma estandardizada, com vista a assegurar a comparabilidade dos elementos apurados”. O inquérito por questionário enquanto instrumento de recolha de dados torna-se fundamental na investigação que se pretende desenvolver. Na opinião de Ferreira (1986:167) o inquérito “é de facto a técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências e na sociedade em geral”.

Segundo de Gil (1999:128), o inquérito por questionário surge como “uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc”. Na perspetiva deste mesmo autor, elaborar um inquérito por questionário, constituirá o traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas.

O inquérito por questionário segundo DelRincón et al., (1995), enquanto instrumento de recolha de dados, mais usado no campo das Ciências Sociais tem como principal benefício, na perspetiva de Quivy & Campenhoudt, (2008: 91) a “possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação”). Outra das vantagens deste instrumento é o facto de constituir a forma mais rápida de recolher certo tipo de informação Bell, (1997), permitindo, desta forma, ultrapassar o grande constrangimento, que é a limitação de tempo e o facto de o questionário poder ser aplicado a um grande número de sujeitos, aumentando as possibilidades de representatividade. Contudo, este método de recolha de dados apresenta algumas desvantagens, como o facto de não garantir que todos os sujeitos inquiridos preencham o inquérito devidamente.

Na construção dos inquéritos recorreu-se a uma linguagem adequada aos inquiridos e evitando- um formato longo, como defende Sousa (2011). Na estrutura dos questionários e com base no quadro teórico de referência, foram definidos os

parâmetros a colocar nas questões, tendo sempre em consideração os objetivos do estudo e a população a que se destinava.

Nesta investigação elaborou-se um inquérito por questionário, que consta em (apêndice B), que se aplicou a todos os encarregados de educação dos alunos da turma em estudo, tendo somente 79% dos pais e encarregados de educação respondido ao questionário. Este questionário foi construído tendo por objetivo recolher os dados que permitissem obter as opiniões dos mesmos, relativamente à indisciplina na turma dos seus educandos. Esta informação foi apresentada nos questionários, através de uma nota introdutória.

Num questionário, a forma das questões poderá assumir diversas modalidades, fechadas, abertas ou escolha múltipla, contudo na elaboração deste questionário, optou-se pelas perguntas de questões fechadas, ou seja perante uma questão o inquirido deveria responder a uma ou várias das opções propostas (Sousa, 2011).

Com este método, pretendeu-se recolher informação no âmbito da identificação dos sujeitos (grau de parentesco, idade, profissão e nível de escolaridade); dinâmica familiar relativamente à presença dos pais na vida escolar dos filhos e o modo como reagem e encaram as situações de indisciplina.

Procedeu-se ainda, à elaboração de um outro inquérito por questionário, que se destinou aos alunos da mesma turma (Apêndice C). Este questionário foi estruturado com questões simples e concretas, de fácil interpretação e de fácil resposta, atendendo à faixa etária dos mesmos, compreendida entre os 13 e os 15 anos. De modo a que as respostas fossem o mais fidedignas possível, os questionários foram de administração direta, sendo o inquirido a preencher o questionário de forma individual, na presença do investigador deste estudo.

No momento da sua entrega, as perguntas do questionário foram devidamente explicadas aos alunos, de modo a não suscitar respostas erradas e a dissipar qualquer possível dúvida que pudesse surgir, Obtendo-se uma taxa de resposta de 100%. Procurou-se não ser exaustivo. O questionário foi dividido em duas partes, a primeira parte, diz respeito à caracterização pessoal dos sujeitos, sendo constituída por sete questões, enquanto a segunda parte, corresponde à dimensão do comportamento. Na elaboração deste questionário, optou-se pelas perguntas de questões fechadas e questões abertas, nesta modalidade na opinião de Sousa (2011) o entrevistado é livre de responder, dando efetivamente a sua opinião, exigindo o recurso à análise de conteúdo.

Os dados recolhidos foram lançados na folha de cálculo Microsoft Excel e posteriormente analisados, usando a estatística descritiva, com recurso a tabelas e gráficos – frequências absolutas, frequências relativas, na forma de percentagem. No entanto, as perguntas de justificação e de opinião (abertas) são analisadas com base na análise de conteúdo.

7.4. Entrevista

Considerando os intervenientes informadores privilegiados, a técnica da entrevista é o instrumento que mais se adequa à estratégia metodológica qualitativa, surge como um processo de negociação entre o entrevistador e o entrevistado, Esteves (2008:96) refere que “O investigador coloca uma série de questões amplas, na procura de um significado partilhado por ambos”.

Pardal e Correia (1995: 65-66) distinguem três tipos de entrevista, a entrevista estruturada, na qual a liberdade de atuação dos atores é condicionada, existe um grande rigor na colocação das perguntas, de acordo com um guião previamente elaborado e inerentemente rigor na resposta. A entrevista não estruturada, confere uma maior liberdade de atuação e de expressão. Pode ser não dirigida, existindo uma completa liberdade de conversação, na qual as perguntas assentam em determinado assunto. Finalmente, a entrevista semiestruturada, o entrevistador segue um referencial de perguntas, suficientemente aberta, vai encaminhando e orientando a comunicação de acordo com os objetivos da mesma. É a mais utilizada em investigação social.

O guião da entrevista foi estabelecido, tendo por base a tipologia estruturada, solicitando ao entrevistado uma reflexão sobre a temática apresentada, no sentido de a clarificar.

A ordem dos temas desenvolvidos nesta técnica foi feita de acordo com as necessidades de exploração dos mesmos. O guião utilizado (Apêndice 4) nesta investigação, teve por base o guião utilizado por Vânia Couto (2013) na investigação subordinada ao tema “Indisciplina na Escola – Um estudo sobre os comportamentos de (in)disciplina de alunos de cursos Profissionais”, por se considerar que reunia os mesmos objetivos a desenvolver no estudo em causa.

Através da entrevista pretendeu-se, por um lado, obter informação sobre uma determinada situação/dinâmica que é a indisciplina em sala de aula, e, por outro lado, compreender os quadros conceptuais dos intervenientes que disponibilizam a informação (medidas implementadas para minimizar a indisciplina e perceber o modo como se relacionam com a indisciplina).

As entrevistas foram aplicadas à diretora de turma da turma de 8^o ano e às professoras de História e Ciências Naturais. As entrevistadas foram informadas da data, hora e local da realização da mesma, tendo previamente sido explicitados os objetivos da entrevista. As entrevistas tiveram a duração de 30 minutos e foi registada por escrito, no guião de entrevista elaborado (Apêndice D) no qual constam as diversas questões e etapas. Na 1^a etapa fez-se o enquadramento da entrevista e motivação do entrevistado, no sentido de informar os participantes acerca dos motivos e objetivos da investigação, referindo a confidencialidade das declarações; na 2^a etapa, recolheu-se alguma informação biográfica, identificação dos entrevistados; 3^a etapa, relação do entrevistado com os problemas da indisciplina na turma, ou seja, o modo de lidar com a indisciplina; 4^a etapa - as causas da indisciplina; 5^a etapa,

estratégias/medidas adotadas; a 6ª etapa, só foi dirigida à D.T. e diz respeito ao envolvimento dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.

8. Caracterização da Instituição onde foi realizado o estudo

O Externato Capitão Santiago de Carvalho é desde 1968, uma instituição educativa privada, que do ponto de vista jurídico se constitui atualmente, numa sociedade por quotas.

O Colégio é um estabelecimento de ensino particular, com alvará concedido em 1981. É apoiado pelo Ministério da Educação através de Contrato de Associação, o que significa fazer parte da rede pública da oferta de escolas, com os mesmos direitos e gratuidade dos alunos de uma escola pública. Têm acesso todos os alunos da área de influência do colégio, nomeadamente as localidades: Orca, Zebras, Póvoa de Atalaia, Atalaia do Campo, Soalheira, Castelo Novo, Vale de Prazeres e Mata da Rainha.

8.1. Contexto Social

O Colégio situado na vila de Alpedrinha, à semelhança do que está a acontecer a nível nacional, sofreu um decréscimo no número de alunos e consequentemente no número de turmas, devido à acentuada baixa de natalidade e despovoamento do interior do país. Agravando esta situação, o colégio insere-se num meio rural caracterizado por uma população com carências socioeconómicas, nomeadamente nas questões associadas ao desemprego, emprego precário e imigração. A população é pouco escolarizada.

8.2. População escolar

No que diz respeito à população escolar do Externato, é composta por 150 alunos (ano letivo 2017/18), distribuídos pelo 2º ciclo do ensino básico, 43 alunos, dos quais frequentam uma turma de 5º e outra de 6º ano de escolaridade; 3º ciclo 67 alunos distribuídos respetivamente por uma turma de 7º, 8º e 9º anos; e Ensino secundário, 40 alunos nos níveis de ensino de 10º, 11º e 12ºanos do curso científico-humanístico de Ciências e Tecnologias, de acordo com os dados fornecidos pelo Externato Capitão Santiago de Carvalho.

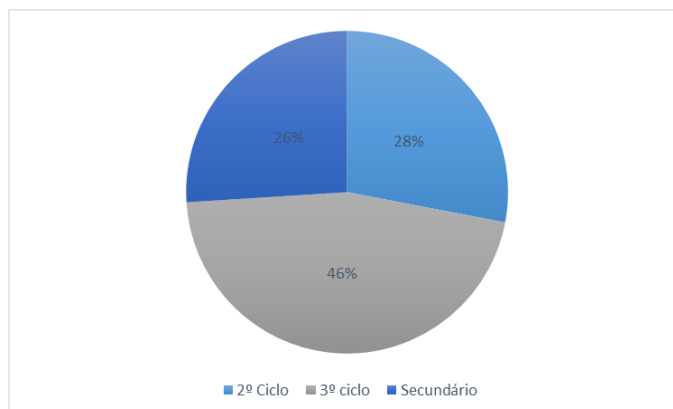


Gráfico 1 - Distribuição percentual do número de alunos por níveis de ensino

Relativamente à dimensão socioeconómica dos alunos e esfera familiar, o nível de escolaridade dos agregados familiares é baixo, uma grande parte dos agregados familiares possui o 1º CEB ou 2º CEB, verificam-se poucas famílias com formação académica de nível superior. Quanto à situação económica das famílias, cerca de (45%) dos alunos beneficia de Ação Social Escolar distribuídos pelos Escalões A, B, C.

No que diz respeito aos recursos humanos, o E.C.S.C. possui um corpo docente constituído por 20 professores, sendo que a maioria pertence ao quadro de escola. Quanto, ao pessoal não docente, tem uma psicóloga escolar e oito funcionários. De salientar que somente três funcionários asseguram a vigilância e segurança da escola, o que nos intervalos se assume como insuficiente, ocorrendo nestas situações, por vezes algumas situações de conflito.

Quanto à dimensão física da escola, é composta por três edifícios, dispondo de salas de aula, oficinas, laboratórios, ginásio, ludoteca, biblioteca, cantina própria e bar de alunos. Sendo que, o espaço de recreio é relativamente pequeno.

No âmbito da promoção da disciplina escolar, para além da intervenção do pessoal docente e não docente, o Externato dispõe ainda, de uma equipa que constitui o Gabinete de Acompanhamento para a Promoção da Disciplina Escolar, devendo salientar-se as parcerias (C.P.C.J., Escola Segura, Centro de Saúde) que dão apoio, nomeadamente na dinamização de atividades sensibilização e projetos na área da disciplina, destinados aos alunos.

Embora o contexto familiar dos alunos, seja caracterizado por algumas carências socioeconómicas, nomeadamente nas questões associadas ao desemprego, emprego precário e imigração, famílias pouco escolarizadas, indicadores que poderiam contribuir para o insucesso e indisciplina, verificam-se índices relativamente baixos de insucesso escolar e de indisciplina, na escola em geral. No entanto, possui uma turma de 8º ano que apresenta elevado índice de situações de indisciplina, desde o 7º ano, gerando instabilidade. Assim, torna-se pertinente compreender porque é que as situações de indisciplina acontecem e perceber o contributo dos pais e dos professores na prevenção e no combate à indisciplina e o modo como se poderá desenvolver um projeto que ajude estes alunos, professores, pais e escola.

8.3. Instrumentos de atuação na escola

Para além, das medidas preventivas no combate à indisciplina, que as escolas devem adotar, o Ministério da Educação e Ciência regulamentou um conjunto de medidas no combate, na prevenção e intervenção na problemática da indisciplina, a qual se encontra regulamentada pelo Estatuto do Aluno (Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro), de acordo com o seu preâmbulo “estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação”, designadamente no Capítulo III – Direitos e deveres dos alunos, secção II – Deveres dos alunos e Capítulo IV – Disciplina. O Regulamento Interno do E.C.S.C., nomeadamente no art. 105º, define os deveres do aluno.

Perante o não cumprimento dos deveres do aluno, com base no Estatuto do aluno, no Regulamento interno do E.C.S.C., no Artigo 119. Constam as finalidades das medidas disciplinares:

1. Todas as medidas disciplinares corretivas e sancionatórias prosseguem finalidades pedagógicas, preventivas, dissuasoras e de integração, visando, de forma sustentada, o cumprimento dos deveres do aluno, o respeito pela autoridade dos Professores no exercício da sua atividade profissional e dos demais funcionários, bem como a segurança de toda a comunidade educativa.

2. As medidas corretivas e as medidas disciplinares sancionatórias visam ainda garantir o normal prosseguimento das atividades da escola, a correção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e da sua aprendizagem.

3. As medidas disciplinares sancionatórias, tendo em conta a especial relevância do dever violado e a gravidade da infração praticada, prosseguem igualmente finalidades punitivas.

4. As medidas corretivas e as medidas disciplinares sancionatórias devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projeto educativo do agrupamento de escolas, nos termos deste regulamento interno.

No âmbito da promoção da disciplina escolar o Externato dispõe de uma equipa que constitui o Gabinete de Acompanhamento para a Promoção da Disciplina Escolar, com o objetivo de otimizar e melhorar a postura cívica dos alunos e promover ações de sensibilização e envolvimento da comunidade escolar para as regras e os princípios orientadores da ação para a disciplina. Esta equipa ainda, tem por missão, acolher os alunos com ordem de saída da sala de aula, a faltar às aulas ou que tenham manifestado um comportamento incorreto fora da sala de aula; supervisionar a

realização de tarefas pelos alunos; tentar mediar/gerir os conflitos existentes e sempre que necessário fazer o encaminhamento das diferentes situações, em colaboração com o Diretor de Turma, para os diferentes serviços de apoio dos alunos; acompanhar/orientar os alunos em atividades educativas necessárias à ocupação plena dos tempos em que não é possível assegurar as atividades letivas.

Das atividades promovidas pela equipa de Promoção de Disciplina Escolar, com o objetivo de prevenir a indisciplina escolar, destaca-se o Programa de Competências Sociais desenvolvido pela Psicóloga Escolar, ao nível do 2º ciclo do ensino básico, segundo o plano de atividades de 2017 do Externato Capitão Santiago de Carvalho.

Parte III - Análise e interpretação de dados

A apresentação, análise e interpretação dos resultados obtidos, surge de acordo com as técnicas utilizadas e descritas anteriormente, numa abordagem mista, quantitativa e qualitativa, tendo por base o método de estudo de caso.

As técnicas de recolha de dados utilizadas, tiveram sempre presente os objetivos delineados para este estudo, deste modo a apresentação dos resultados, começa pela análise e interpretação dos documentos da escola consultados, elaborando-se um quadro síntese da informação recolhida dos documentos, seguindo-se a elaboração de um resumo decorrente da análise da grelha de observação, dando continuidade à análise e interpretação do conteúdo das entrevistas e a análise dos questionários aplicados aos pais e alunos, os dados fornecidos serão expostos graficamente e mediante tabelas, apresentando-se a leitura dos mesmos. A abordagem do estudo procurou recolher dados por um lado, mediante a perspetiva dos alunos e por outro a perspetiva dos professores e pais perante a indisciplina, procedendo à triangulação dos resultados dos dados e informações recolhidos. Perante as evidências e o papel da intervenção social e escolar e no sentido de dar resposta às dificuldades evidenciadas, pela turma em estudo, surge a proposta de – Programa de Intervenção, para professores e alunos, no âmbito da investigação.

1. Tratamento da Informação

O tratamento de dados teve como base os métodos quantitativos, qualitativos e tratamentos estatísticos, assim como, análise e interpretação de conteúdo (Morais & Neves, 2007).

Relativamente ao tratamento de dados, recorreu-se à análise e tratamento estatístico, devendo os dados ser apresentados sob a forma numérica e gráfica, recorrendo-se ainda à técnica de análise de conteúdo,

A análise e organização dos dados seguiu o método de análise de conteúdo, já que este tratamento de dados é considerado um método preciso e rigoroso, permitindo apresentar os resultados e os relatórios de investigação de uma forma clara, definindo e organizando os dados recolhidos (Quivy & Campenhoudt, 2008).

A análise de conteúdo permite, segundo Quivy & Campenhoudt, (2008:227) “tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade”, ou seja, a análise de conteúdo permite atribuir «categorias» e «subcategorias» representativas do estudo, num processo de codificação. Por fim, a triangulação dos dados obtidos nos métodos utilizados, qualitativos e quantitativos. A técnica de triangulação de dados, permite dar maior validade e credibilidade ao estudo, na perspetiva de Flick, (2005:231) “A triangulação de dados pode ser um processo de enraizar melhor o conhecimento obtido com os

métodos qualitativos”. O recurso ao uso de diferentes métodos, permite obter dados comparáveis, efetuando a validação cruzada e concluir a dimensão do estudo.

1.1 Análise Documental

Os documentos analisados, no âmbito deste estudo, que permitiram adquirir algum conhecimento da verdadeira realidade desta turma, relativamente à indisciplina e à forma de a combater e controlar, foram o projeto educativo, regulamento interno, atas de direção de turma e processos disciplinares instaurados no 3º ciclo durante este ano letivo, aos quais se fez uma análise. Após a análise dos mesmos documentos, elaborou-se um quadro resumo das medidas disciplinares aplicadas no 3º ciclo, tal como se pode verificar na tabela 1.

Tabela 1 - Quadro resumo da análise das medidas disciplinares aplicadas

Medidas Disciplinares Aplicadas	Nº de ocorrências de indisciplina		
	<u>Ano letivo</u>		
	7º ano	8º ano	9º ano
Corretivas – Advertência e ordem de saída	6	32	15
Realização de tarefas e atividades de integração na escola	6	20	10
Sancionatórias – Repreensão registada	-----	10	5
Suspensão até 3 dias	-----	6	2
Suspensão entre 4 a 12 dias	-----	2	-----

Deste modo, a tabela 1, permitiu concluir que a maioria das ocorrências disciplinares, surge na turma de 8º ano, tendo sido aplicadas medidas disciplinares corretivas, nomeadamente, a advertência e ordem de saída da sala de aula, a realização de tarefas e atividades de integração na escola e medidas disciplinares sancionatórias, repreensão registada, suspensão até três dias e suspensão entre 4 a 12 dias. De salientar, que das medidas aplicadas, somente 5 raparigas tiveram a aplicação de medidas disciplinares corretivas, advertência e ordem de saída e a realização de tarefas e atividades de integração na escola, todas as outras medidas foram aplicadas a rapazes.

A tabela, ainda nos permite observar que a turma de 7º ano foi a turma, onde só houve a aplicação de medidas disciplinares corretivas, registando 6 alunos com

advertência e ordem de saída e a conseqüente realização de tarefas e atividades de integração na escola

1.2. Observação em contexto de sala de aula

Perante a observação em contexto de sala de aula das duas disciplinas selecionadas (Ciências Naturais e História), tendo por base a grelha de observação elaborada (Anexo 1) concluiu-se que a professora de Ciências Naturais adota uma postura rigorosa, demonstrando entusiasmo na sua prática pedagógica, assumindo uma atitude perante esta turma, satisfatória. Assume-se intransigente e rigorosa no cumprimento das regras de sala de aula. As estratégias utilizadas pareceram eficazes no cumprimento das regras.

Relativamente, à observação da aula de História, observou-se que a atitude da professora em sala de aula foi pouco satisfatória. A professora na sua prática pedagógica revela pouco entusiasmo, notando-se algum cansaço. Tenta incentivar os alunos pela positiva, mas com fracos resultados, porque de repente eleva a voz e crítica pela negativa a atitude dos alunos. Revela pouca firmeza no cumprimento das regras, ameaça tomar medidas, mas vai adiando essa decisão, proporcionando um ambiente pouco favorável à aprendizagem. O ambiente em sala de aula é agitado e muito descontraído, existindo poucos momentos de silêncio.

No que diz respeito, aos comportamentos e atitudes dos alunos na aula de Ciências Naturais, consideram-se satisfatórios, embora nenhum dos alunos tenha faltado à aula, contudo houve alguns que chegaram atrasados, justificando à professora, o atraso. Os alunos de um modo geral cumpriram as regras estabelecidas, embora alguns alunos não revelassem muito interesse e empenho pelos conteúdos lecionados. Sempre que a professora questionou os alunos, foram sempre os mesmos a responder de forma ordenada, apesar de a professora solicitar a participação de todos. Verifica-se que há um grupo de alunos que vai falando, embora baixinho, sem permissão e com olhar reprovador dos restantes colegas.

Quanto aos comportamentos e atitudes dos alunos na aula de História, concluiu-se que são pouco satisfatórios. Nenhum aluno faltou, mas quase metade dos alunos chegou atrasado e somente alguns justificaram o atraso. Demoraram algum tempo a sossegar e a criar as condições para o início da aula, a professora teve que elevar a voz para manter a ordem. No decorrer da aula, assistiu-se a alguns alunos usarem o telemóvel, conversarem com o colega do lado, sem permissão, fazendo com que a professora interrompesse a sua prática letiva por várias vezes. Esse mesmo grupo de alunos revelou ausência de interesse e empenho, pelos conteúdos lecionados.

2. Apresentação e análise dos resultados dos questionários aplicados aos pais e Encarregados de Educação

Neste estudo, colaboraram 19 encarregados de educação de um universo de 24, respondendo ao questionário, o que corresponde a uma taxa de resposta de 79%. A análise dos resultados é com base nestes resultados.

Tabela 2 - Caracterização dos E.E. quanto ao grau de parentesco e idade

Grau de Parentesco	Idade			Total
	30-40	40-50	50-60	
Mãe	33,3% (5)	40% (6)	20% (3)	100% (14)
Pai	40% (3)	40% (3)	20% (1)	100% (5)

No que diz respeito à caracterização da população inquirida, podemos concluir a partir da tabela 2, que a maior parte dos pais e encarregados de educação que participaram no estudo são as mães 40% (6) e têm idade compreendida entre os 40 e os 50 anos, sendo o papel de encarregado de educação desempenhado mais por mães (14) do que por pais (5).

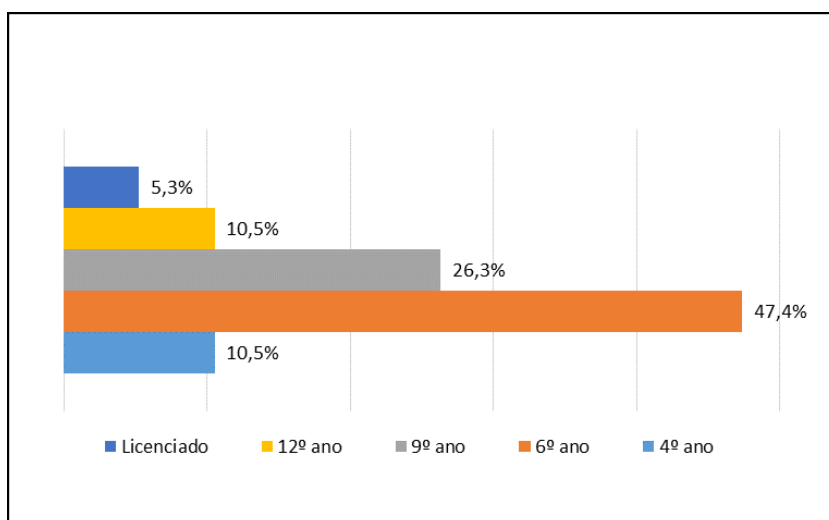


Gráfico 2 - Caracterização dos E.E. quanto à escolaridade

Dos encarregados de educação que participaram no estudo, verifica-se que, relativamente ao nível da sua escolaridade e de acordo com o gráfico 2, a maior parte dos inquiridos 50,4% (9) dos encarregados de educação possui o 6º ano de escolaridade. Deve-se ainda, destacar que 10,5% (2) dos encarregados de educação possui o 1º ciclo e somente 5,3% (1) apresenta grau académico de nível superior.

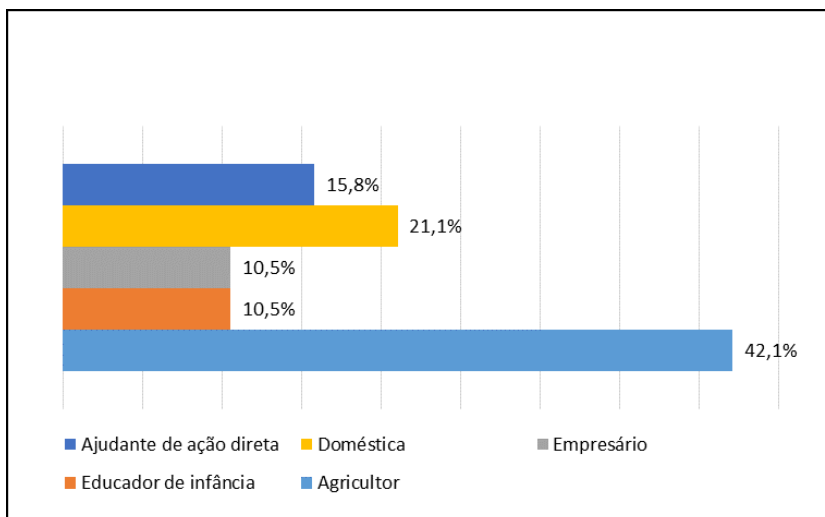


Gráfico 3 - Caracterização dos E.E. quanto à profissão

Mediante o gráfico 3, podemos verificar que 42,1% (8) dos encarregados de educação são agricultores (sector primário), enquanto 10,5% (2) dos inquiridos exerce a profissão de educador de infância e de empresário.

2.1 Participação dos E.E. na vida escolar dos seus educandos

A fim de analisar se os pais e encarregados de educação conversavam com os filhos sobre as atividades escolares do dia-a-dia na escola, as respostas aos questionários permitiram observar que todos os encarregados de educação foram unânimes, ao referirem que conversavam com os seus educandos sobre as atividades escolares do dia-a-dia na escola.

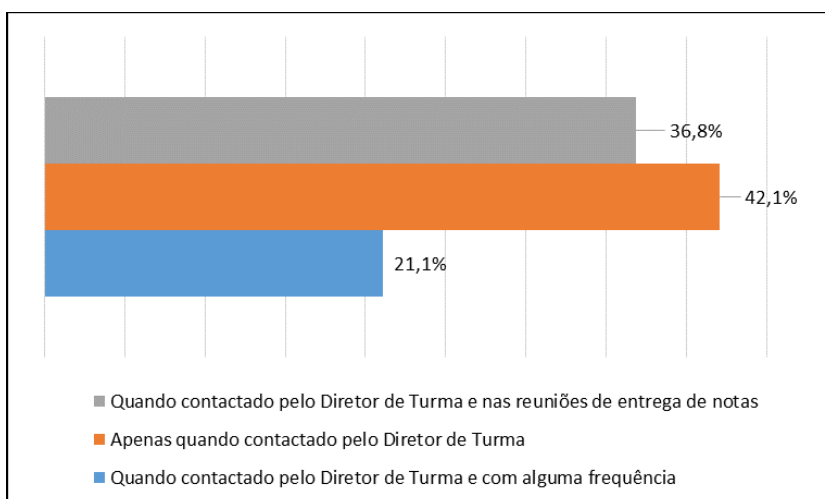


Gráfico 4 - Regularidade com que o Encarregado de Educação vai à escola

Mediante o gráfico 4, é possível verificar que 42,1%, (8) dos encarregados de educação, vão à escola, apenas, quando contactados pelo diretor de turma 36,8% (7) mediante a marcação de reunião de entrega de notas. Somente 21,1% (4) se desloca à escola para saber informações do seu educando, sem que seja contactado.

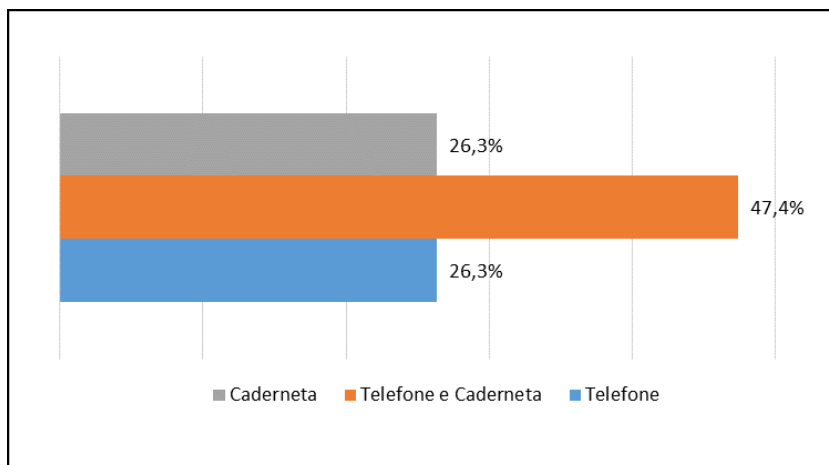


Gráfico 5 Comunicação do Encarregado de Educação com a escola

A partir do gráfico 5, pode-se constatar que 47,4% (9) dos encarregados de educação privilegia o uso da caderneta e o telefone, como meio de comunicação com a escola.

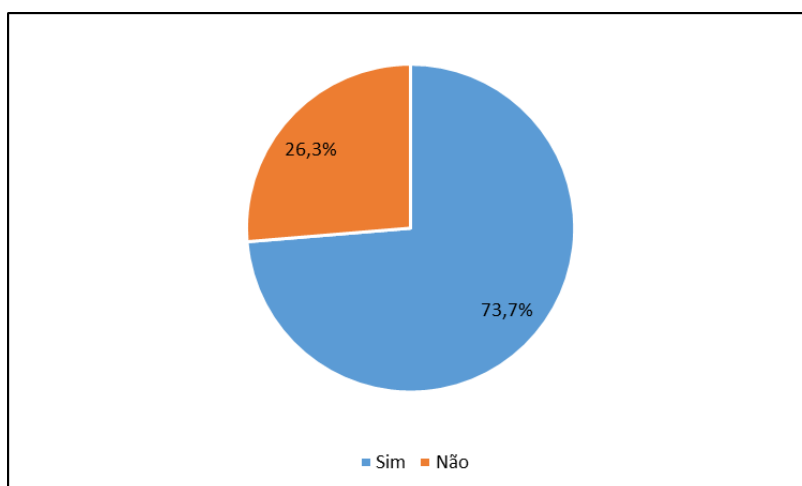


Gráfico 6 - Acompanhamento na realização dos trabalhos de casa

Através do gráfico 6, conclui-se que a grande maioria 73,7% (13) dos encarregados de educação refere acompanhar os seus educandos na realização dos trabalhos de casa, sendo que a maior parte 42,% (8) menciona efetuar esse acompanhamento duas a três vezes por semana, como podemos verificar no gráfico 7.

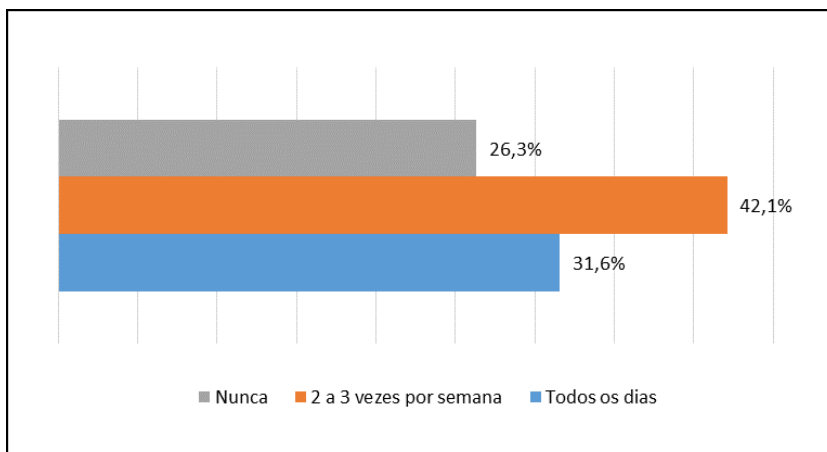


Gráfico 7 - Frequência do acompanhamento na realização dos trabalhos de casa

2.2 Modo de agir dos encarregados de educação perante a indisciplina

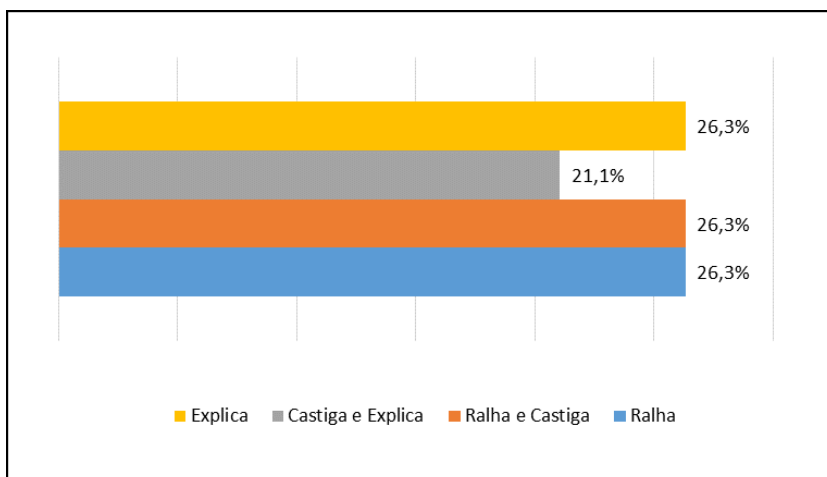


Gráfico 8 - Forma de agir do E.E. perante comportamento incorreto em casa

Fazendo a análise do gráfico 8, é possível concluir que, de um modo geral, os encarregados de educação em situação do seu educando se comportar de forma incorreta em casa, adotam diferentes atitudes: 26,3% (5) explicam; 26,3% (5) ralham e castigam; 26,3% (5) ralha, enquanto 21,1% (4) refere, optar por castigar e explicar.

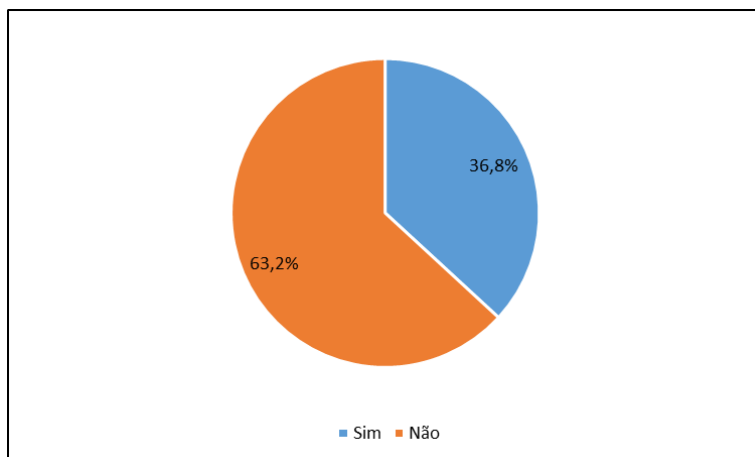


Gráfico 9 - Situação de indisciplina em que o educando estivesse envolvido na escola

O gráfico 9 permite-nos observar, que 63,2% (12) dos encarregados de educação afirmou que o seu educando nunca esteve envolvido em situação de indisciplina, sendo que 36,8% (7) dos inquiridos, referiu que o seu educando já esteve envolvido em situações de indisciplina na escola. Relativamente ao modo de atuação dos encarregados de educação, perante as situações de indisciplina, através do gráfico 10, pode-se concluir que 42,1% (8) castigou e explicou. De salientar o facto, de 26,3% (5) dos encarregados de educação não tomar qualquer medida, ou seja, não fez nada, mediante uma situação de indisciplina.

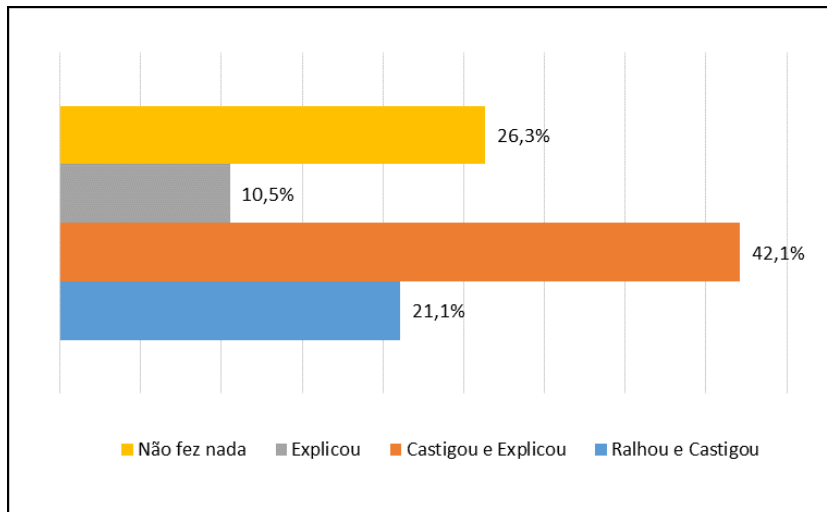


Gráfico 10 - Modo de reagir à situação de indisciplina

Constata-se que a maioria 78,9% (19) dos encarregados de educação tem conhecimento das normas e regulamentos da escola, bem como, das regras de sala de aula e concorda unanimemente com as mesmas.

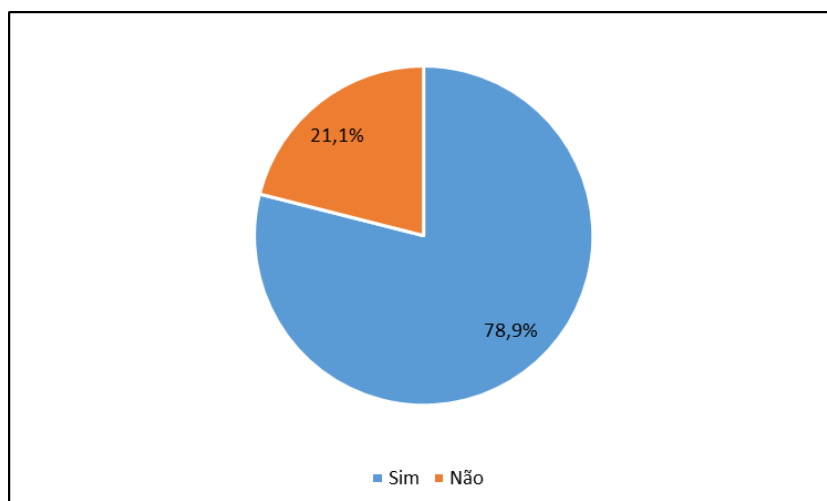


Gráfico 11 - Conhecimento das normas/regulamento da escola ou sala de aula

3. Apresentação e Análise dos resultados dos questionários aplicados aos alunos

De acordo com a turma selecionada, a de 8º ano, colaboraram todos os 24 alunos, respondendo igualmente todos ao questionário, o que corresponde a uma taxa de resposta de 100%. A análise dos resultados é com base nas respostas dadas por estes alunos.

Tabela 3 - Caracterização da turma quanto ao género, idade e número de retenções

	Turma	Idade				Retenções	
	Alunos	13	14	15	16	1	2
F	58,3% (14)	29,2% (7)	16,7% (4)	4,2% (1)	8,3% (2)	12,5% (3)	8,3% (2)
M	41,7% (10)	8,3% (2)	8,3% (2)	8,3% (2)	16,7% (4)	4,2% (1)	16,7% (4)

Mediante a tabela 3, tendo por base os participantes no estudo, podemos concluir que esta turma tem mais raparigas 58,3% (14) do que rapazes 41,6% (10), tendo maioritariamente idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos e estes, sem retenções no seu percurso escolar. A destacar, que os alunos com duas retenções, são do sexo masculino 16,4% (4), enquanto os alunos com uma retenção, são sobretudo raparigas.

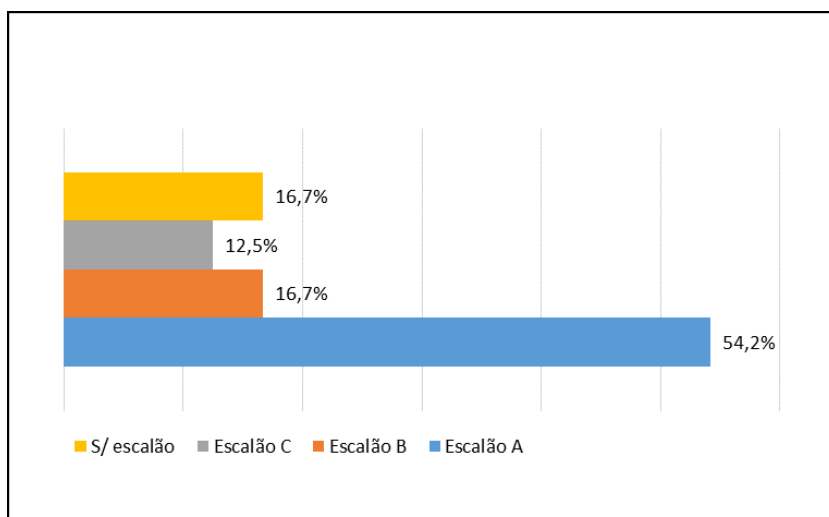


Gráfico 12 - Ação Social Escolar dos alunos

Como se pode verificar, com base no gráfico 12, a maioria dos alunos encontra-se abrangido pela Ação Social Escolar, beneficiando de subsídio escolar de Escalão - A 54,2% (13), verificando-se apenas 16,7% (4) de alunos Sem Escalão. Este subsídio escolar é atribuído em função dos rendimentos do seu agregado familiar.

3.1 Perceção dos alunos perante a indisciplina

Tabela 4 - Participações disciplinares dos alunos

Participações disciplinares			Nº de participações			
	Sim	Não	1	2	3	4
Feminino	4% (1)	50 % (12)	13 % (1)	13 % (1)	0%	0%
Masculino	29 % (7)	17 % (4)	0%	13 % (1)	38 % (3)	25 % (2)
Total	33 % (8)	67 % (16)	13 % (1)	25 % (2)	38 % (3)	25 % (2)

A regulação comportamental em sala de aula rege-se por um código de regras de conduta, assente no Regulamento Interno da escola. Os alunos que não cumprem os seus deveres e que quebram as regras de conduta de forma sistemática, e de acordo com a gravidade da situação, serão alvo de participação disciplinar.

Constata-se através da tabela 4, que a maioria dos alunos 67% (16) nunca teve participações disciplinares, nomeadamente 50% (12) das raparigas inquiridas. De acordo com o universo dos alunos inquiridos, 33% (8) já foi alvo de participações disciplinares, sendo que a maioria dos alunos, rapazes 29% (7), já teve três participações 38% (3) enquanto, 25% (2) dos rapazes, quatro participações,

verificando-se que nenhuma rapariga teve 3 ou 4 participações. No entanto, 13% (1) das raparigas afirmou ter sido alvo de uma participação disciplinar, observando-se o mesmo resultado 13% (1) com duas participações.

Na perspetiva de Quaresma (2010), as situações de indisciplina surgem independentemente do género a que pertencem, verificando-se que tanto rapazes, como raparigas têm atitudes e comportamentos desviantes.

Tabela 5 - Classificação dos comportamentos de acordo com a gravidade

Comportamentos	Muito Grave	Grave	Pouco Grave
1 - Mexer no telemóvel	8,3% (2)	33,3% (8)	58,3% (14)
2 - Gozar com os colegas	62,5% (15)	37,5% (9)	0%
3 - Não respeitar o professor	75% (18)	25% (6)	0%
4- Fazer comentários inapropriados durante a aula	12,5% (3)	62,5% (15)	25% (6)
5 - Recusar-se a trabalhar	25% (6)	45,8% (11)	29,2% (7)
6- Agredir colegas	83,3% (20)	16,7% (4)	0%

Através da tabela 5, podemos observar o modo como os alunos classificam e percecionam determinados comportamentos, de acordo com a gravidade dos mesmos. “Não respeitar o professor”, “Agredir colegas” e “gozar com os colegas” são considerados comportamentos Muito Graves pela maioria dos alunos, respetivamente 75% (18) e (83,3% (20) e (62,5% (15).

Enquanto, 58,3% (14) dos alunos classificou “Mexer no telemóvel” de Pouco Graves e relativamente ao “Recusar-se a trabalhar” 45,8% (11) alunos classificar tal atitude de Grave. “Fazer comentários inapropriados durante a aula” foi igualmente atribuído pelos 62,5% (15) alunos, como sendo Grave.

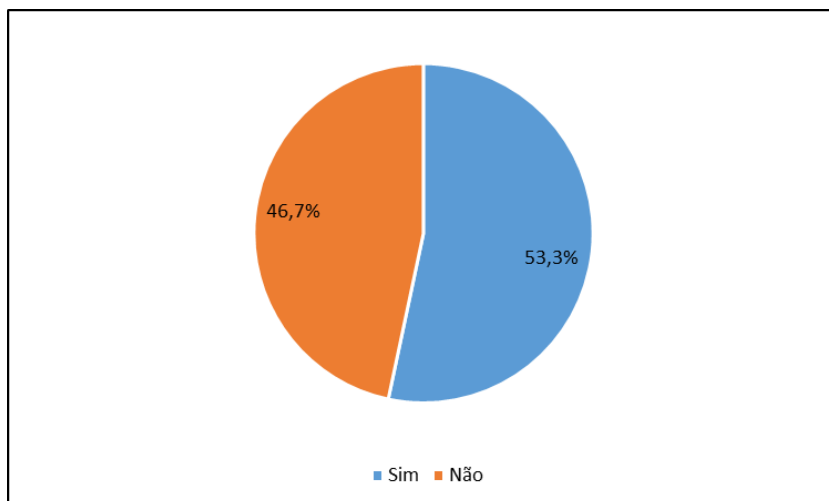


Gráfico 13 - Concordância ou não da existência de determinadas regras na escola

Através do gráfico 13, conclui-se que 53% (13) dos alunos considera existirem regras na escola, com as quais não concorda. Ao serem questionados “porquê que não concordam com essas regras”, a maior parte dos alunos afirmou que não concordavam com as seguintes regras, por as acharem excessivas e inúteis, nomeadamente: “Não poder comer pastilhas nas aulas” e “Não poderem ir à casa de banho durante as aulas”. Relativamente à importância da existência de regras de conduta, bem como o conhecimento das mesmas, segundo Amado e Freire (2002) facilitam a integração nos grupos, na organização escolar e na convivência social.

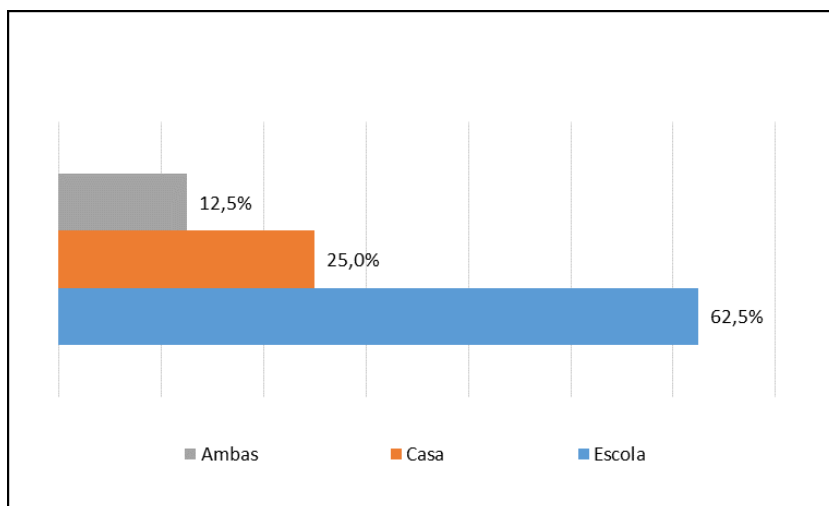


Gráfico 14 - Existência de regras em casa ou na escola

A existência de regras na escola, são as decorrentes do Ministério da Educação, as quais estão legisladas, nomeadamente através do Estatuto do Aluno, tendo por objetivo regular todo o sistema de ensino. Assim, dos alunos questionados e observando o gráfico 14, conclui-se que 62,5% (15) considera existirem mais regras na escola, do que em casa 25,0% (6)

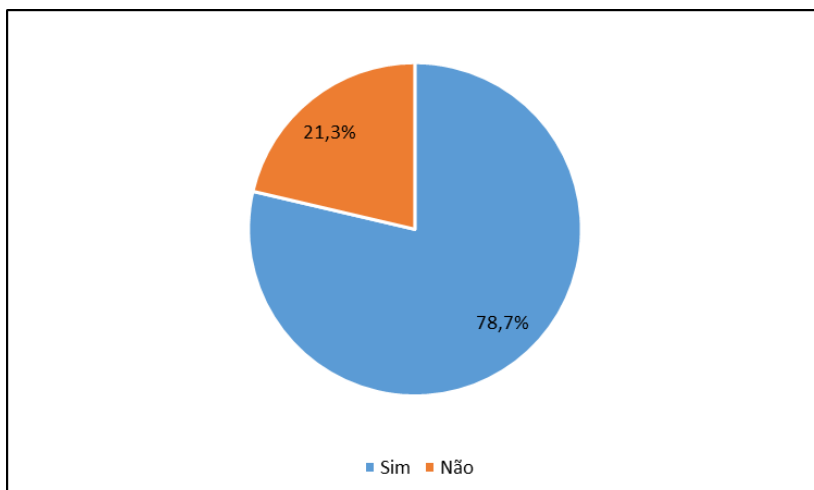


Gráfico 15 - Há punições para quem não cumpre as regras

O gráfico 15, permite-nos ter a noção de que a maioria dos alunos inquiridos 78,7% (19) considera existir punição para os alunos que não cumprem as regras, à exceção de 21,3% (5) de alunos.

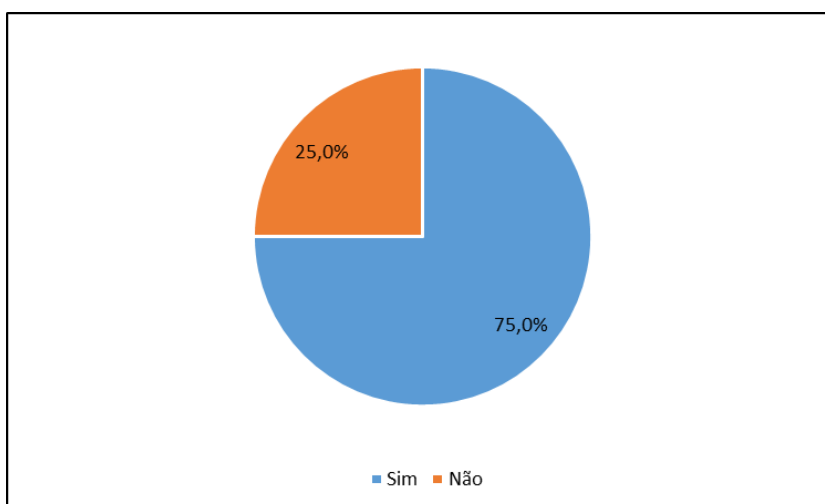
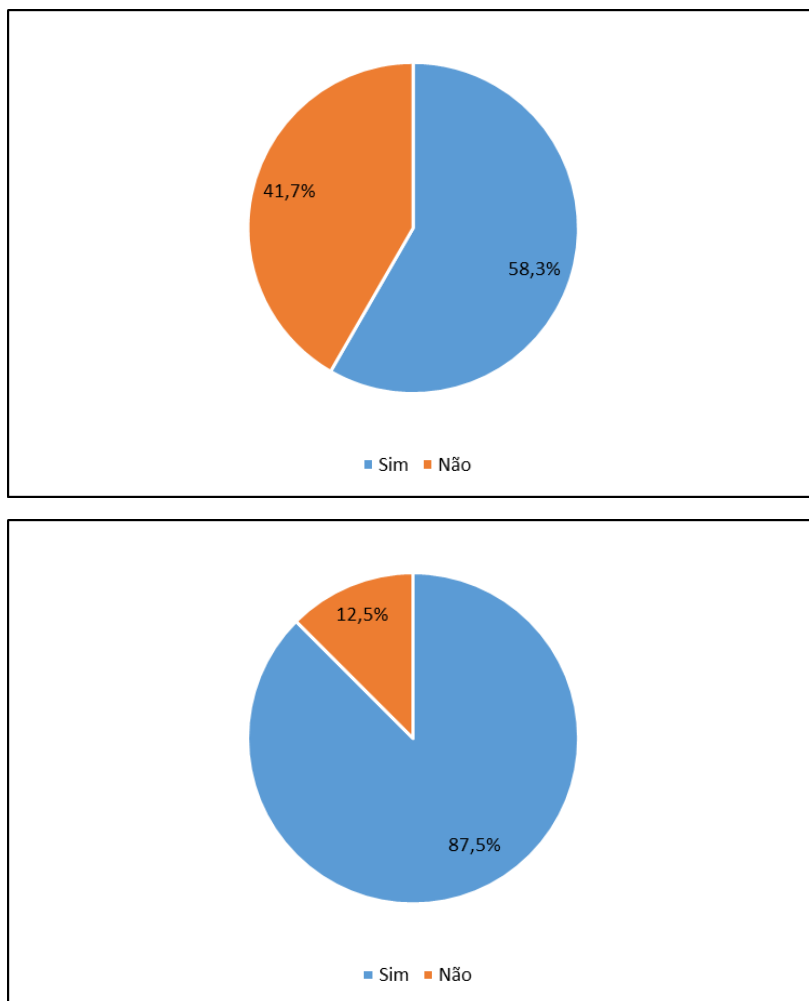


Gráfico 16 - Indisciplina em determinadas disciplinas

Podemos afirmar através do gráfico 16, que 75% (18) dos alunos inquiridos, consideram existir mais casos de indisciplina em determinadas disciplinas. Estes resultados vão ao encontro da opinião de Silva e Salles (2010), que referem que a relação entre docente e aluno muitas vezes fomenta a indisciplina, verificando-se existirem alunos que desafiam a autoridade do professor perante os colegas mostrando a sua indiferença. Ainda segundo Martins (2014), o estilo da prática pedagógica do professor, a sua autoridade e a gestão e controlo da disciplina constituem fatores promotores disciplina em sala de aula nas escolas.

Quando se solicitou aos alunos que referissem em quais disciplinas existia mais indisciplina, a maioria considerou as disciplinas de História e Matemática atribuindo como causas, ao facto das professoras terem poucos anos de serviço, serem mais descontraídas e permissivas perante o comportamento dos alunos.



Gráficos 17 - Gostas da turma onde estás inserido (em cima) e colegas indisciplinados (em baixo)

De salientar que a maioria dos alunos 87,5% (21), observando o gráfico 17, gosta da turma onde está inserido, apesar de 58,3% (14) dos alunos, considerar a existência de alunos indisciplinados. Apesar da constatação de um elevado número de alunos indisciplinados nesta turma, verifica-se uma forte identificação com o grupo turma.

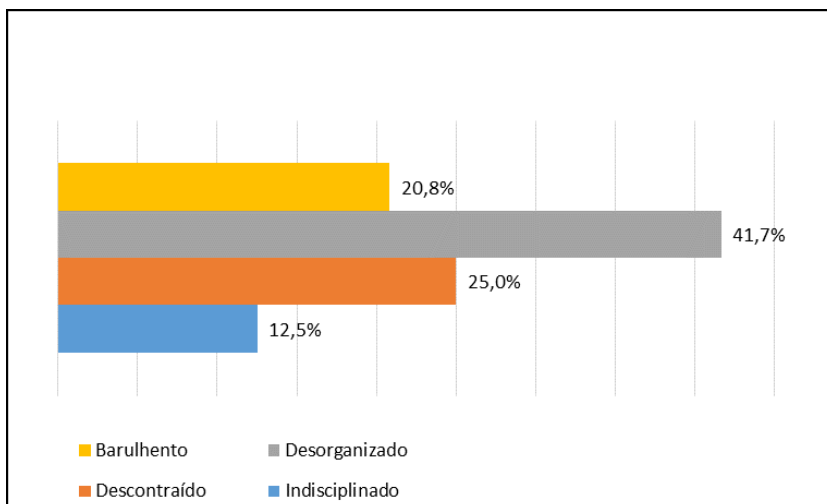


Gráfico 18 - O ambiente em sala de aula

Tendo por base o gráfico 18, conclui-se que de um modo geral, os alunos consideram existir um ambiente de sala de aula que pouco favorece o aluno para a aprendizagem, destacando que a maior parte dos alunos 41,7% (10), considera o ambiente em sala de aula desorganizado; 25,0% (6) dos alunos é de opinião que em sala de aula se vive um ambiente descontraído, 20,8% (5) barulhento, e 12,5% (3) refere que o ambiente é indisciplinado.

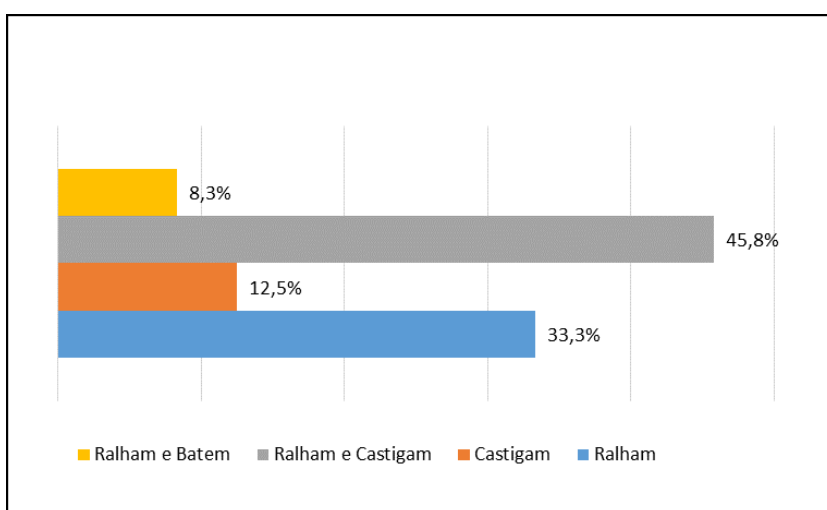


Gráfico 19 - Forma dos pais lidarem com a indisciplina

Mediante a questão “perante um comportamento indisciplinado, como é que os teus pais lidam com a situação”, observamos no gráfico 19 que 45,8% (11) dos alunos refere que os pais ralham e castigam, mas apenas para 8,3% (2) dos alunos diz que os pais ralham e batem.

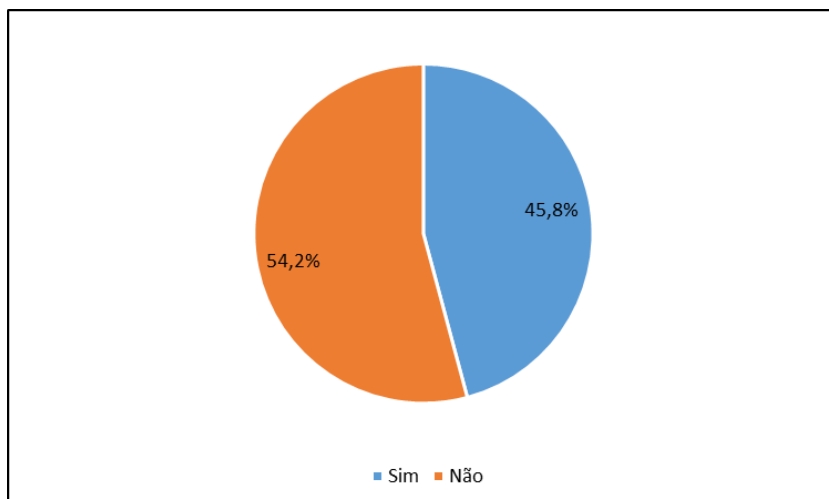


Gráfico 20 - Gostas de andar nesta escola?

Questionados os alunos se gostavam de andar nesta escola, observando o gráfico 20, conclui-se que 54,2% (13) dos alunos inquiridos não gosta da escola que frequenta, enquanto 45,8% (11) manifesta gosto pela escola que frequenta.

Finalmente foi solicitado aos alunos que descrevessem a sua escola ideal, sendo que, a maioria diz que a sua escola ideal deveria ter mais atividades lúdicas, recreios maiores e ser mais permissiva relativamente ao contacto com os pais. Quanto às situações de indisciplina, referem que “contactam os pais por situações mínimas, com telefonemas a toda a hora”, “não devia haver tanta repreensão, nem telefonemas para casa”.

4. Análise e discussão dos resultados das entrevistas

Na operacionalização da análise de conteúdo das entrevistas procedeu-se numa primeira fase, à atribuição de categorias de acordo com os objetivos do estudo, permitindo o seu agrupamento Bardin (2011), sendo que as categorias de análise surgem a partir do guião da entrevista. Numa segunda fase, com base no texto transcrito das entrevistas, agrupou-se a informação em categorias com os respetivos fatores orientadores, tabela 6.

Tabela 6 - Categorias da entrevista

Categorias	Fatores Orientadores
Indisciplina	Modo percecionar os problemas de indisciplina na turma
Causas	Causas da indisciplina na perspetiva dos entrevistados
Intervenção	Estratégias/medidas adotadas perante as situações de indisciplina
Vulnerabilidade	Participação dos encarregados de educação na vida escolar

4.1. Caracterização das entrevistadas

No que diz respeito à caracterização das três participantes entrevistadas, verificamos a partir da tabela 7, que duas das entrevistadas (B e C) lecionam na área das Ciências Sociais, sendo que a C desempenha ainda, as funções de Diretora de Turma. A Professora A leciona na área das Ciências Naturais. Relativamente aos anos de serviço a lecionar, verifica-se de um modo geral, que as três entrevistadas possuem poucos anos de experiência no desempenho das suas funções, quer noutras escolas, quer no Externato Capitão Santiago de Carvalho.

Tabela 7 - Caracterização das participantes nas entrevistas

Entrevistados			
Dados biográficos dos participantes	Professora A	Professora B	Professora C
Função desempenhada	Leciona a disciplina de Ciências Naturais	Leciona a disciplina de História	Leciona a disciplina de Geografia e D.T.
Anos de serviço	4 anos de serviço	6 anos de serviço	7 anos de serviço
Anos de serviço no E.C.S.C	1 ano de serviço	1 ano de serviço	3 anos de serviço

4.2 Modo percecionar os problemas de indisciplina na turma

Com o objetivo de obter informação relativamente ao modo como os entrevistados percecionam a existência de indisciplina e no sentido de registar informação de carácter identificativo das dificuldades sentidas, foram questionados relativamente às dificuldades em ser professor ou D.T. na turma em causa.

Professora A: Sim, por vezes sinto dificuldades em desenvolver o meu trabalho nesta turma. Antes de vir para a sala tenho de me preparar psicologicamente e adotar uma postura firme, porque se vou com sorrisos... torna-se difícil controlá-los, eles abusam.

Professora B: Nem me diga nada... esta turma cansa-me. Tenho de estar constantemente a chamá-los à atenção!

Professora C: Não é uma turma fácil... Até eles interiorizarem as regras e perceberem que havia consequências, tentaram pisar o risco, atualmente já perceberam como é que eu trabalho e o que exijo enquanto D.T. e professora, tudo se tornou mais fácil. Por vezes o relacionamento entre eles, também não é o melhor, são conflituosos.

Quadro 1 - Dificuldades em ser professor ou Diretor de Turma na turma em estudo

Verificou-se ao longo das entrevistas, algum cansaço e frustração, por parte da Professora B, parecendo por vezes, já ter desistido desta turma. Todas as professoras, como se observa no Quadro 2, manifestaram dificuldades em desenvolverem o seu trabalho, na turma em estudo. Consideram que geralmente os alunos não cumprem as regras estabelecidas e são conflituosos entre eles, contudo na opinião da entrevistada (C), a partir do momento que os alunos perceberam as regras de sala de aula e as interiorizaram, passaram a ter um comportamento e atitude em sala de aula menos indisciplinado. O papel do professor constitui-se preponderante em promover um ambiente de sala de aula, em que haja respeito mútuo, com regras bem definidas, de modo a que as situações de indisciplina sejam minoradas. Marques (2001) afirma que a capacidade do professor para prevenir a indisciplina é fundamental, devendo para tal criar um bom ambiente de aprendizagem.

No sentido de se aferir as verdadeiras dificuldades comportamentais desta turma, os entrevistados, ainda foram questionados se na sua opinião existiam problemas de indisciplina na turma e quais os problemas.

Professora A: Sim, claramente existem problemas de indisciplina nesta turma de 8º ano. Olhe, por exemplo, os alunos não sabem participar num debate, falam todos ao mesmo tempo; falam com os colegas do lado, sem achar que estão a perturbar; trazem os problemas dos recreios para a sala de aula, etc

Professora B: Eles até são bons miúdos, eu nem diria que há indisciplina, há uma idade complicada aquela em que eles estão, a adolescência, e esta instabilidade, julgo ser fruto disso mesmo. De facto cansam-nos, mas as situações de utilizar os telemóveis, falar com os colegas sem pedir permissão, chegar atrasados, na minha opinião também não podem ser classificados de indisciplina, estão a quebrar as regras...mas não é a verdadeira indisciplina.

Professora C: Nesta altura, a turma, de um modo geral, já percebeu as regras definidas e melhoraram o seu comportamento, na minha disciplina não tenho tido razão de queixa. Contudo, enquanto D.T. tenho tido alguma preocupação, porque há um grupo de alunos que ainda tenta pisar o risco, nomeadamente utilizar o telemóvel; por vezes tentam boicotar determinadas aulas, tentando não colaborar com os professores; a participação oral nem sempre é feita da forma mais correta, gozam uns com os outros, arranjam conflitos, etc

Quadro 2 - Problemas de indisciplina na turma

Através da leitura do quadro 2, verifica-se que tanto a professora A como a professora C consideram que efetivamente existem problemas de indisciplina na turma de 8º ano, já a professora B acha que os alunos quebram as regras, mas “não é a verdadeira indisciplina”. A dificuldade em definir indisciplina está bem presente na perceção desta professora, relativamente ao conceito de indisciplina. Contudo, para Caldeira, Rego e Condessa (2007) a indisciplina surge associada aos comportamentos que perturbam o normal funcionamento das aulas, ao quebrar as regras estabelecidas, mas sendo, no entanto, considerados graves.

Os problemas de indisciplina ou a quebra de regras em sala de aula, bem como as situações de conflito, constituem os fatores constatados na turma em estudo, foram assinalados: “falar com os colegas do lado, sem permissão e sem achar que estão a perturbar; o trazer os problemas dos recreios para a sala de aula; utilizar os telemóveis; chegar atrasados, participação oral desordenada, gozar uns com os outros, são conflituosos”.

4.3 Causas da indisciplina na perspectiva dos entrevistados

Professora A: Nesta turma são mesmo os rapazes os mais indisciplinados, há um grupo de rapazes repetentes que são os provocadores da indisciplina.

Professora B: Os rapazes são os piores, as raparigas disfarçam melhor...

Professora C: Como já referi, há um grupo de alunos maioritariamente rapazes, de quem tenho mais queixas por parte dos professores e funcionários e que acabam por ser mais conflituosos.

Quadro 3 - As situações de indisciplina acontecem mais com rapazes ou raparigas

Professora A: Estes alunos, muitos deles já estão juntos desde o pré-escolar, há muita cumplicidade e conhecem-se muito bem, depois há um grupo de alunos repetentes que também não ajuda.

Professora B: A adolescência constitui uma fase da vida dos jovens, muito conturbada. E na minha opinião, a agitação desta turma em específico, é fruto da adolescência!

Professora C: O facto de existir um grupo de rapazes repetentes em que a escola nada lhes diz ou interessa, cujos pais não os acompanham e se demitem das suas funções, é o suficiente para impulsionar situações de indisciplina na turma.

Quadro 4 - Porque é que indisciplina ocorre nesta turma

Professora A: Não sei, é capaz de influenciar!

Professora B: Penso que sim, que o meio socioeconómico influencia o comportamento e insucesso dos alunos.

Professora C: Na minha opinião, o meio socioeconómico contribui para a indisciplina. Esta turma tem um elevado número de alunos com carência económica, e o facto de viverem num meio socioeconómico desfavorecido, predominantemente agrícola, deverá influenciar o comportamento, desempenho e atitude dos alunos perante o seu percurso escolar e a vida.

Quadro 5 - O meio socioeconómico dos alunos, contribui para a indisciplina

Os fatores género e o meio socioeconómico surgem muitas vezes, associados às situações de indisciplina. Ao longo do discurso das professoras entrevistadas Quadro 4, foi notório, que o fator género masculino influencia nas situações de indisciplina que ocorrem na turma de 8º ano, sendo que os rapazes surgem como os causadores de maior perturbação na sala de aula. Associado à indisciplina surge o fator género, nomeadamente no que diz respeito aos rapazes, relativamente a comportamentos de indisciplina, (Amado & Freire, 2009).

Quaresma, (2010) considera pertinente, duas dimensões específicas, na cultura de violência, considerando as variáveis “classe social” e “género” dos alunos, e a violência escolar e violência de género. A indisciplina surge nos múltiplos espaços e tempos escolares, como a sala de aula, recreios, corredores, existindo a diferentes níveis e com diferentes protagonistas, começando pela relação assimétrica professor/alunos.

O meio socioeconómico constitui, segundo as entrevistadas, Quadro 6, um fator influenciador no modo como estes alunos se comportam, contribuindo para o desenvolvimento de situações de indisciplina. Relativamente aos motivos pelos quais existe indisciplina nesta turma, o facto de existir um grupo de alunos repetentes, e portanto alunos com insucesso escolar, foi indicado como causa principal da indisciplina, pelas entrevistadas, (quadro 5). Muitos dos comportamentos desajustados surgem pelo não cumprimento do quadro de regras estabelecido pelo professor na sala de aula, mas também, pela dificuldade de controlo, inviabilizando frequentemente o próprio trabalho pedagógico. A dificuldade da escola em se adaptar às novas realidades criadas pela massificação escolar, pela diferenciação sociocultural dos seus alunos e paradigmas de aprendizagem, resulta em grande parte da incapacidade de transformação de modelos organizacionais e de trabalho pedagógico, que ainda se estruturaram na escola que trabalhava essencialmente com pequenos grupos de alunos, motivados/apoiados para cumprirem escolaridades de sucesso (Sebastião, 2009).

4.4 Estratégias / medidas adotadas perante as situações de indisciplina

Professora A: No início do ano, foram definidas, em Conselho de Turma, as medidas e estratégias a adotar nesta turma.

Professora B: Existe um conjunto de medidas estipuladas a ter com esta turma, no entanto, cada professor gere e adapta, consoante as situações.

Professora C: Logo no início do ano, acordamos em Conselho de Turma um conjunto de medidas, para além das previstas no Estatuto do Aluno, que todos os professores deveriam ter para com esta turma, devendo ser rigorosos no cumprimento das mesmas. Os alunos tiveram conhecimento, das mesmas. Todos os professores concordaram, o problema é que nem todos seguem o que ficou acordado, o que faz com que muitos alunos tentem quebrar essas regras. Por exemplo no uso do telemóvel!

Quadro 6 - Medidas tomadas pela maioria dos professores para manter a disciplina

Professora A: Sou muito rigorosa no cumprimento das regras estabelecidas, desculpo uma primeira vez, mas quebrando a regra segunda vez, tomo as medidas em conformidade.

Professora B: Sou muito de ameaçar e de agir pouco! Sou mesmo assim... e eles às vezes abusam! Mas tento através do diálogo fazer com que cumpram as regras.

Professora C: Enquanto professora, sou rigorosa, tento sempre perceber o lado dos alunos. Enquanto diretora de turma, e após várias queixas, instituí a regra, a qual comuniquei Direção da escola, perante alguma queixa de um professor, em relação a determinado aluno, ligo de imediato ao encarregado de educação e na minha presença, o aluno descreve o que se passou. Em situações graves, o aluno só sai da escola na presença do encarregado de educação. Estas medidas têm responsabilizado mais os encarregados de educação, contudo já me apercebi que não gostam muito de ser incomodados!

Quadro 7 - Estratégias adotadas para ultrapassar as situações de indisciplina

As estratégias e as medidas adotadas, com base nas medidas constantes no Estatuto do Aluno, decretado pelo Ministério da Educação, e por sua vez assentes no Regulamento Interno da escola, foram definidas por todos os professores em Conselho de Turma no início do ano letivo, portanto seria desejável que todos as cumprissem e as seguissem. Contudo tal situação nem sempre se verifica, tal como podemos observar no discurso da Professora B no Quadro 8. Perante a permissividade nas diversas situações, os alunos procuram perceber até onde podem ir, criando um ambiente agitado e pouco propício à aquisição de conhecimentos.

Na relação pedagógica, o professor tem um papel preponderante, proporcionar um clima disciplinar ao desenvolvimento da ação pedagógica. Os alunos, confrontam a ordem escolar, criando obstáculos ao processo ensino aprendizagem, manifestando-se através da indisciplina Quaresma, (2010).

De salientar, que para além das medidas definidas no início do ano letivo, a diretora de turma, tomou outras medidas no sentido de responsabilizar e dar a conhecer, no momento, aos encarregados de educação, as situações de indisciplina dos seus educandos.

Segundo Silva (2010), no âmbito do papel da família e da escola na educação das crianças e jovens, tem vindo a ser alterado, verificando-se uma certa tensão entre as funções da família e da escola na sua educação. Os professores têm vindo a assumir, cada vez mais, um papel formativo, para além de educativo, com necessidade de uma maior mobilização das famílias dos alunos. Na perspetiva de Sampaio (2015) a escola atual pouco faz para envolver os pais.

4.5 Participação dos pais na vida escolar dos seus educandos

Professora C: Os pais na sua maioria só vêm à escola quando convocados, ou quando há a marcação de reuniões de avaliação.

Quadro 8 - Frequência com que os encarregados de educação vêm à escola

Professora C: Relativamente ao envolvimento dos pais, julgo que poderia existir um maior envolvimento, mas a solução de quando há alguma situação de indisciplina, os alunos verbalizam à minha frente o que se passou aos seus pais, exige mais atenção e responsabilização por parte destes!

Quadro 9 - Envolvimento dos pais na vida escolar dos seus educandos

Professora C: Muitos pais ralham na hora e... sei que não passa disso, outros dão castigos.

Quadro 10 - Medidas tomadas pelos encarregados educação

Relativamente à participação dos encarregados de educação na vida escolar dos educandos, só a professora C enquanto diretora de turma, respondeu a estas questões. Verifica-se através dos Quadros 9 e 10 que a participação e envolvimento dos pais e encarregados de educação, na sua maioria, surge somente quando solicitados.

As famílias deverão ter uma participação mais ativa no percurso escolar dos seus educandos. Ao longo da vida escolar do aluno, a escola e a família têm um papel fundamental no processo de formação de cada um.

5- Discussão/Triangulação dos dados

A investigação em curso pretendeu contribuir para a construção de conhecimento relativamente ao tema da indisciplina, no que diz respeito aos fatores que a desencadeiam e ao modo como pode ser prevenida.

Tendo por base as metodologias utilizadas na recolha de dados, privilegiaram-se procedimentos metodológicos respeitantes às duas abordagens (qualitativa e quantitativa). Recorreu-se ao inquérito por questionário (pais e encarregados de educação e alunos), característico da abordagem quantitativa, e utilizou-se a entrevista (professores e diretora de turma), a análise documental e observação de sala de aula, característicos da abordagem qualitativa, deste modo foi possível triangular os resultados obtidos, tendo em conta os objetivos do estudo e o método seguido (estudo de caso) teceram-se algumas considerações.

A discussão de dados enquadra-se no conceito de indisciplina previamente definido, ou seja, tendo presentes atitudes e condutas, por parte dos alunos, que não

são aceites pelo professor, no desenvolvimento da sua prática pedagógica, perturbando deste modo a aula.

A documentação observada e analisada foi esclarecedora, através do número de ocorrências registadas, de que a turma de 8º ano apresenta o maior número de ocorrências disciplinares verificadas, considerando-se a turma mais indisciplinada do 3º ciclo do E.C.S.C. Estes resultados vão ao encontro das conclusões de Barros & César, (2009) que referem que é nos 7º e 8º anos de escolaridade que, ocorrem o maior número de participações disciplinares e de queixas, quer formais quer informais, nas escolas.

Conjugando os vários fatores, verifica-se que o modo como algumas professoras identificaram as situações de indisciplina, se relaciona com a quebra das regras de conduta por parte dos alunos, definidas no início do ano. Contudo, verifica-se alguma discordância, uma vez que uma das professoras entrevistada, não partilha da mesma opinião, considerando que a quebra de regras, não é a verdadeira indisciplina. Está bem patente, a dificuldade em definir o conceito de indisciplina Sampaio (1996: 32), refere que “a questão da indisciplina na escola é um mar de equívocos”. Das dificuldades assinaladas pelas professoras em sala de aula, destacam-se “falar com os colegas do lado, sem permissão e sem achar que estão a perturbar; o trazer os problemas dos recreios para a sala de aula; utilizar os telemóveis; chegar atrasados, participação oral desordenada, gozar uns com os outros, são conflituosos”.

Os alunos consideram a existência de colegas indisciplinados em sala de aula, registando-se um conseqüentemente um ambiente de sala de aula, que pouco favorece, para a aprendizagem, ou seja, desorganizado. Relativamente aos comportamentos “ Não respeitar o professor”, “Agredir colegas” e “gozar com os colegas” são percebidos pelos alunos como muito graves. Verifica-se entendimento nesta questão, quando os pais e encarregados de educação, referem que têm conhecimento da existência de situações de indisciplina, nas quais os seus educandos estiveram envolvidos, bem como conhecimento das normas e regulamentos da escola e das regras de sala de aula.

Relativamente aos fatores que podem contribuir para a indisciplina, conclui-se que na prática pedagógica dos professores se torna fundamental a forma como o professor atua com os alunos, no que respeita à prevenção dos comportamentos de indisciplina, bem como lida nas situações de indisciplina dos alunos, em situação de sala de aula, gerindo entre a sua autoridade e responsabilidade.

Verificou-se que as professoras evidenciaram duas atitudes diferenciadas na sua prática em sala de aula, por um lado a professora que adota uma atitude de firmeza e rigor no exercício do seu poder e liderança, por outro lado, a professora benevolente e pouco firme no modo como gere a sua aula. Deste modo, constata-se alguma discordância, no que diz respeito às atitudes diferenciadas no modo de gerir as situações em sala de aula. Conclui-se que o recurso à prática pedagógica com rigor e firmeza, promove um ambiente favorável à aprendizagem, traduzindo-se essas

estratégias, eficazes no cumprimento das regras por parte dos alunos. Enquanto, a adoção de estratégias pouco firmes, permitem um ambiente de sala de aula agitado, descontraído, não proporcionando o ambiente pretendido e desejável ao bom funcionamento da aula. A importância do exercício da autoridade disciplinar por parte dos professores, foi igualmente referenciado pelos alunos, segundo os quais, existe mais indisciplina, nas disciplinas onde os professores são mais permissivos e benevolentes.

Infere-se que os alunos procuram que os professores sejam figuras de referência no âmbito das suas ações pedagógicas, nomeadamente no desenvolvimento de estratégias de melhoria do ambiente de sala de aula. Prevenindo deste modo, conflitos em sala de aula e uma melhoria nas relações sociais.

Segundo Kheruniah, (2013), os métodos e as estratégias adotadas pelos professores, nomeadamente a competência pedagógica, que inclui a área profissional, social, a personalidade, métodos de disciplina e a maneira com esclarece as dúvidas, influenciam decisivamente a aprendizagem e motivação dos alunos.

Segundo o discurso das professoras, os fatores género masculino e o meio socioeconómico destes alunos influenciam no modo como se comportam, contribuindo para o desenvolvimento de situações de indisciplina. Destacaram ainda, o facto de existir um grupo de alunos rapazes repetentes na turma, e portanto alunos com insucesso escolar, o grupo principal a desencadear as atitudes e comportamentos de indisciplina. Esta conclusão vai ao encontro dos estudos desenvolvidos por Barros & César, (2009) que concluíram que os alunos considerados problemáticos são maioritariamente do género masculino. Corroborando estes resultados com os dados dos inquéritos aplicados aos alunos, onde se verifica que a maioria dos rapazes foi alvo de participações disciplinares.

Na observação de sala de aula efetuada, também se verificou um grupo de rapazes que quebrou as regras, revelando ausência de interesse e empenho. Deve-se salientar que a maioria dos alunos que frequenta esta turma é proveniente de um meio socioeconómico desfavorecido, encontrando-se a maioria dos alunos abrangido pela Ação Social Escolar, beneficiando de subsídio escolar, de Escalão A. Este subsídio escolar é atribuído em função dos rendimentos do seu agregado familiar. Existe concordância por parte de todos os intervenientes, quanto aos fatores género masculino e meio socioeconómico interferirem no modo como os alunos se comportam.

Para Henriques, (2018) tendo por base os resultados de um questionário que aplicou aos professores, concluiu que segundo estes, os problemas familiares (económicos, afetivos, falta de acompanhamento parental), a falta de valores morais e o desinteresse pela escola, constituem as principais causas da indisciplina. As desigualdades sociais e as transformações dos sistemas educativos, colocam novos problemas relativamente à socialização das crianças e jovens, dificultando a construção de quadros relacionais padronizados Sebastião, (2013).

As situações de indisciplina são prevenidas e combatidas com estratégias e medidas adotadas por todos os professores em Conselho de Turma no início do ano letivo, com base nas medidas constantes no Estatuto do Aluno, decretado pelo Ministério da Educação, assentes no Regulamento Interno da escola.

Os alunos que não cumprem os seus deveres e que quebram as regras de conduta de forma sistemática e de acordo com a gravidade da situação, serão alvo de participação disciplinar. Verificando-se deste modo, uma abordagem bastante punitiva perante as situações de indisciplina, sendo desejável o recurso, sobretudo, a medidas preventivas.

No que diz respeito, ao modo de atuar dos pais e encarregados de educação é possível constatar, alguma incongruência quanto às abordagens nas medidas tomadas, uma vez que, alguns pais perante situações de indisciplina recorrem ao castigo e à explicação, enquanto outros pais referem não tomar qualquer medida.

Na perspetiva de Sampaio (2011), os jovens manifestam, em geral, discordância pelas regras transmitidas e instruções dadas pelas famílias, mas não gostam de pais demitidos ou desinteressados. Na mesma linha de pensamento surge Marques (2008), segundo o qual, os alunos cujos pais se interessam pela sua vida escolar e ajudam na mesma, têm mais sucesso e menos problemas de indisciplina.

Relativamente à existência de determinadas regras na escola, os alunos consideram-nas excessivas, nomeadamente as medidas tomadas pela diretora de turma, no sentido de responsabilizar e dar a conhecer, no momento, aos encarregados de educação, as situações de indisciplina dos seus educandos.

Quanto ao fator, participação dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos, a maioria dos encarregados de educação, vai à escola somente quando é solicitado pelo diretor de turma, ou para participar nas reuniões de avaliação, a diretora de turma partilha da mesma opinião, permitindo constatar concordância entre estes factos. Na perspetiva de Afonso (1993), a participação dos pais na escola é influenciada pelos professores, os quais reforçam o envolvimento e participação dos pais e encarregados de educação, afastando por vezes os pais em vez de os chamar à escola.

Perante os resultados obtidos na investigação e a revisão bibliográfica realizada, torna-se imprescindível criar um projeto de intervenção, com vista à promoção da disciplina. O projeto de intervenção, que se pretende desenvolver foi estruturado com base nas dificuldades diagnosticadas, com o objetivo de promover um conjunto de princípios definidores e facilitadores no combate à indisciplina, através da implementação de estratégias ao nível dos diversos intervenientes, nomeadamente, os alunos da turma, os professores e os pais e encarregados de educação.

Parte IV - Projeto de Intervenção

1. Introdução

A escola para garantir um serviço educativo credível e reconhecido, deve pautar-se por valores de qualidade e inovação, devendo apostar na formação, na valorização das suas qualidades pessoais e profissionais, na autoavaliação da organização escolar e na promoção da comunicação, da esperança, da integridade, da confiança e do otimismo, através de uma gestão objetiva, aberta, cooperante e valorizadora do mérito.

A promoção da disciplina, do sucesso educativo dos alunos, o gosto pela escola e a integração de todos, implica mecanismos de apoio educativo eficientes e assentes na premissa de que a escola é de todos mas que, para tal, deve poder responder às necessidades de cada um. Isto é, baseada no diagnóstico da realidade, deverá ter a capacidade de se adaptar às exigências e necessidades pedagógicas, reorganizando didáticas, estratégias e programas, com resiliência e confiança.

A intervenção social nas escolas, essencialmente a mediação sociopedagógica, é hoje uma função assumida como necessária, podendo ser desempenhada por vários profissionais da área social. Como os animadores culturais, os sociólogos, os assistentes sociais, os psicólogos e outros profissionais que desenvolvem trabalho social. Os professores, muitas vezes, de uma forma, mais sensibilizada, ou menos preocupada têm vindo a lidar com as questões sociais que se lhes impõem diariamente, ocupando, esse lugar do mediador na escola (Vieira & Vieira, 2010).

A escola deve abrir as suas portas ao exterior, envolvendo outros conhecimentos e experiências de outras áreas do saber na procura de novos paradigmas e estratégias de outras organizações, com vista ao estabelecimento de protocolos que promovam o sucesso educativo dos alunos.

A escola surge como local privilegiado para o desenvolvimento de ferramentas que ajudem as crianças/jovens na utilização de estratégias de adaptação no contacto com diversas situações e desafios, nomeadamente na relação com o insucesso escolar, com as dificuldades de adaptação à escola e com as dificuldades de regulação do comportamento pessoal e social Matos & Sampaio (2009). É com a entrada na escola que a criança, para além das competências que já adquiriu, passa também a reconhecer novos papéis e novas formas de interagir com os outros, nomeadamente, com os pares e com a comunidade educativa (Papalia, 2001).

O grupo de pares constitui um contexto de aprendizagem e apoio básico para os diversos desafios do crescimento psicológico e social com que a criança ou jovem se confronta, tornando-se estes agentes importantes para o processo de socialização ao longo do desenvolvimento, tendo bastante impacto nos interesses académicos e no desenvolvimento social dos alunos (Soares, 1990). A interação positiva com o grupo de pares promove o desenvolvimento cognitivo e emocional, o crescimento de

competências interpessoais, as atitudes, a estabilidade e a competência social (Lopes et al., 2006).

A qualidade das relações entre pares é influenciada pela forma como a criança/jovem utiliza as suas competências sociais, isto é, a forma como a criança/jovem exibe comportamentos ajustados e regula comportamentos menos adaptados. Daí a importância na relação recíproca de causalidade entre as relações entre pares e as competências sociais, pois a forma positiva ou negativa das relações entre pares assume-se como causa e reflexo das competências sociais (Alves, 2006).

A importância da intervenção social no contexto escolar, enquanto possibilidade de uma ação interdisciplinar destinada a maximizar e otimizar o desenvolvimento pleno e harmonioso de crianças e jovens, de modo saudável e seguro, pretende prepara-los adequadamente para a vivência da futura cidadania. Deste modo, a intervenção social traduz-se no apoio aos jovens através de atividades, acompanhamento dos alunos, na promoção do sucesso escolar e na prevenção de comportamentos indisciplinados, considerando que é na escola que estes passam grande parte do seu tempo, a escola será o local privilegiado para uma intervenção preventiva e promotora da disciplina

Segundo Martínez (2006), os programas de intervenção devem contemplar também a família, uma vez que esta surge como o primeiro modelo de conduta, influenciando, assim, o aparecimento ou não de comportamentos violentos. Deste modo, é muito importante que os pais possam ter informação e formação sobre a indisciplina, de modo, a que possam desenvolver uma atitude colaborativa e proativa relativamente à escola e aos seus filhos, melhorando a sua participação e envolvimento no percurso escolar dos seus educandos.

No estudo realizado no Externato Capitão Santiago Carvalho, Alpedrinha, com o propósito de aprofundar os conhecimentos relativamente à realidade da turma de 8º ano de escolaridade, que apresenta o índice mais elevado de situações de indisciplina no 3º ciclo, foi importante, considerar todos os intervenientes, desde a escola, ao grupo/turma, aos professores, a cada aluno, à família e ao meio envolvente. Jones e Brinkman (1994) referem a necessidade da escola investir na formação dos alunos indisciplinados centrando-se no conflito interpessoal, a escuta ativa, o reformular o desempenho de papéis. Este projeto de intervenção terá como objetivo fornecer e desenvolver junto dos referidos intervenientes, a promoção de estratégias a adotar em situação de indisciplina, pretende ainda contribuir para um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos.

O modelo de intervenção definido deverá obedecer a alguns princípios, nomeadamente: a natureza dos sujeitos, no sentido de responder às suas dificuldades; à intervenção, com vista à melhoria dos processos de aprendizagem e corresponder aos objetivos e finalidades, tendo sempre presente as técnicas e instrumentos utilizados perante a problemática definida López e Nieto (2011).

No projeto a desenvolver, com base no diagnóstico e nos sujeitos em que se pretende intervir, foram definidos os objetivos, e delineou-se a metodologia de trabalho a desenvolver. Deste modo, considerou-se pertinente seguir o modelo de intervenção misto, enquanto modelo combinado de atuação, devendo a intervenção ser direcionada para o grupo/ turma do 8º ano, grupo de docentes e pais e encarregados de educação da turma em estudo.

2. Implementação do projeto de intervenção

O projeto que se pretende implementar na turma de 8º ano do Externato Capitão Santiago de Carvalho, Alpedrinha, deverá ter o tempo de duração de um ano letivo. Para a execução do projeto estabeleceram-se parcerias, nomeadamente o E.C.S.C., a Associação de Pais do Externato e o Teatro Clube de Alpedrinha. A associação de pais contribuirá na colaboração e divulgação das atividades, enquanto o Teatro Clube constituirá o local para a realização de algumas atividades.

A caracterização da instituição na qual será desenvolvido o projeto, consta no (ponto 8, da Parte II), enquanto os motivos que desencadearam a necessidade de desenvolver o projeto, se encontram no (ponto 6, da Parte II). A implementação deste projeto pressupõe a dinamização por parte da Psicóloga Escolar do E.C.S.C.

Os resultados do estudo foram apresentados à direção do Externato Capitão Santiago de Carvalho, aos alunos de 8º ano, aos seus professores e aos pais e encarregados de educação. Foi-lhes comunicado e apresentado a proposta de intervenção, tendo todos eles, aceite participar no projeto de intervenção.

As estratégias preventivas constituem as ações, coordenadas ou não, com o objetivo minorar ou afastar os comportamentos de indisciplina (Amado & Freire, 2009). Estas estratégias preventivas focam-se nos programas de intervenção ou medidas de resposta, com o objetivo de reduzir a intervir nos casos de indisciplina. O programa de intervenção em contexto escolar pretende intervir junto do grupo de alunos da turma, com recurso a intervenções combinadas entre famílias e escola.

3. Objetivos

O Projeto proposto, a desenvolver na turma de 8º ano, respetivos pais e encarregados de educação e docentes, baseia-se numa vertente formativa através de ações de sensibilização/formação.

Deste modo, as atividades programadas para desenvolver com os alunos, são de frequência quinzenal, sendo realizadas em parceria com a disciplina de Educação Moral e Religiosa. Quanto às iniciativas de intervenção, destinadas aos docentes, estão planeadas para ser realizadas em período pós laboral. Ao nível das ações a desenvolver juntos dos pais e encarregados de educação, a ação de sensibilização decorrerá em período pós laboral, enquanto a atividade lúdica deverá acontecer num

sábado no 3º período, em data a definir. Esta atividade surge da parceria com os Clubes do Externato Capitão Santiago de Carvalho, dinamizados por Professores no âmbito das atividades de complemento e Associação de Pais do Externato e o Teatro Clube de Alpedrinha. Esta parceria tem como objetivo a otimização dos recursos humanos e financeiros, e proporcionar uma maior abrangência de envolvimento dos agentes da comunidade educativa.

De acordo com as necessidades diagnosticadas, estabeleceram-se três objetivos gerais, cada um dos quais, possuindo objetivos específicos. Para cada objetivo definiram-se os indicadores e os instrumentos de avaliação. As atividades propostas pretendem dar resposta aos objetivos definidos.

Objetivo Geral 1- Ajudar os alunos a desenvolverem competências eficazes na gestão dos comportamentos em sala de aula.

Objetivo Específico 1.1- Promover a redução de 30% de participações disciplinares.

Objetivo Específico 1.2 - Desenvolver uma melhoria da conduta dos alunos de 30% ao nível do ambiente de sala de aula.

Objetivo Geral 2- Promover iniciativas de formação para professores para melhorar as estratégias de atuação em sala de aula.

Objetivo Específico 1.1- Promover um espaço de partilha de experiências de situações de indisciplina e formas de atuação.

Objetivo Específico 1.2- Fomentar uma melhoria de 30% ao nível do ambiente de sala de aula.

Objetivo Geral 3- Promover um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos.

Objetivo Específico 1.1- Fomentar uma melhoria de 30% de participação dos pais/encarregados de educação nas atividades da escola.

Objetivo Específico 1.2- Sensibilizar os pais e encarregados de educação para a importância da transmissão de regras de conduta.

3.1 Atividades

No sentido de dar resposta aos objetivos propostos, foram delineadas as seguintes atividades:

Objetivo Geral 1- Ajudar os alunos a desenvolverem competências eficazes na gestão dos comportamentos em sala de aula.

Destinatários: Alunos de 8º ano

Atividade 1 – “Colocar-se no papel do outro”

Objetivos:

- Saber ultrapassar as barreiras à comunicação que se estabelece;
- Melhorar a comunicação na relação que estabelecem entre professores, funcionários e colegas;
- Promover estratégias de resolução de conflitos interpessoais;
- Melhorar as estratégias de resolução de problemas;
- Promover a assertividade;
- Explorar acerca da importância das regras e do seu cumprimento;

Pretende-se desenvolver um conjunto de atividades, no âmbito das competências sociais, nomeadamente a promoção da comunicação e relacionamento interpessoal e estratégias de resolução de problemas, no sentido de promover junto dos alunos o saber-estar, saber-ser e saber-fazer.

As atividades programadas a desenvolver com os alunos, são de frequência quinzenal, sendo realizadas no tempo de aula, na disciplina de Educação Moral e Religiosa.

Procedimento: Criar um ambiente informal que proporcione o desenvolvimento das atividades, recorrendo a situações/problema ou visionamento de pequenos filmes alusivos ao tema da indisciplina. Mediante os quais se vai procurar que os alunos: reflitam acerca da situação visionada, devendo dar a sua opinião. Seguidamente, devem colocar-se no papel dos intervenientes, de modo a que registem por escrito as dificuldades sentidas e finalizando com o modo correto de atuação.

Estas atividades serão mediadas pela Psicóloga Escolar.

Objetivo Geral 2- Promover iniciativas de formação para professores para melhorar as estratégias de atuação em sala de aula.

Destinatários: Todo o corpo docente do E.C.S.C.

Atividade1- Ação de Sensibilização

Promover uma ação de sensibilização para todos os professores do Externato

Objetivos:

- Promover uma reflexão acerca das práticas educativas;
- Consciencializar todos os professores para a importância da temática da indisciplina;

- Encontrar soluções conjuntas para uma intervenção mais eficaz;
- Analisar formas de cooperação entre a escola e as famílias.

Criar uma ação de sensibilização com todos os docentes do Externato Capitão Santiago de Carvalho, no início do ano letivo, pretendendo ser um momento de reflexão e debate acerca da temática em causa, para que se possam encontrar soluções conjuntas e uma maior colaboração entre todos. Esta ação de sensibilização será mediada pela Psicóloga Escolar.

A ação de sensibilização será promovida pela Psicóloga Escolar.

Atividade2- Ação de Formação

Destinatários: Docentes da turma de 8ºano

Objetivos:

- Proporcionar uma análise e reflexão sobre situações-problema;
- Promover estratégias de gestão de conflitos
- Tomar consciência da importância de ter coerência e firmeza no modo como lida com as situações de indisciplina;

Desenvolver sessões de formação, com a frequência de uma por período, para os docentes da turma que beneficia do projeto de intervenção. Estas sessões, pretendem a partir de situações-problema promover a discussão e o debate acerca de práticas pedagógicas utilizadas em situações de indisciplina e respetivos modos de atuação.

As sessões de formação serão promovida pela Psicóloga Escolar.

Objetivo Geral 3- Promover um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos.

Atividade1- Ação de Sensibilização

Destinatários: Pais e Encarregados de Educação

Objetivos:

- Proporcionar a reflexão acerca da importância na definição de regras e limites na educação dos seus filhos;
- Fomentar a partilha de experiências e de soluções conjuntas;
- Consciencializar os pais para a importância de uma participação ativa com a escola;

Pretende-se criar uma ação de sensibilização no início do ano letivo, para os pais e encarregados de educação da turma de 8º ano, com o propósito de criar um momento de partilha de experiências e reflexão de soluções conjuntas que facilitem na adoção

de estratégias, nomeadamente na definição de regras e limites nos seus educandos. Pretende-se consciencializar os intervenientes do seu papel na definição de regras e consequência ao nível escolar, bem como um espaço de participação.

A ação de sensibilização será promovida pela Psicóloga Escolar.

Atividade 2- Dia da Família

Destinatários: Pais e Encarregados de Educação e alunos da turma de 8º ano e professores

Objetivos:

- Criar um espaço de animação artística e lúdica que apelem à participação dos pais e encarregados de educação;
- Promover um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos;

Esta atividade pretende ser um momento de partilha e de convívio entre todos os intervenientes que participam neste projeto de intervenção. Devendo para tal, concretizar-se através das atividades desenvolvidas pelos clubes, nomeadamente:

- Peça de teatro, promovida pelo Clube de Teatro;
- Piquenique partilhado, organizado pelo Clube de Culinária;
- Jogos tradicionais, dinamizados pelo Clube de desporto;
- Concerto organizado pelo Clube de Música e de Dança;

Esta atividade será organizada pela Psicóloga Escolar e dinamizada pelos professores dos Clubes do Externato Capitão Santiago de Carvalho.

4- Avaliação do Projeto

A avaliação do projeto permite aferir o seu impacto, ao nível da sua organização, estruturação e implementação. Para tal, é necessário definir medidas de análise.

Na avaliação do plano de ação torna-se de relevante quanto à importância de medir o impacto e eficácia da intervenção (Guerra, 2007).

A avaliação deve incidir em duas vertentes, a avaliação do processo, no qual se pretende registar e quantificar a intervenção, os resultados, a população-alvo, o tempo, os recursos envolvidos na execução, e avaliação dos resultados, que deverá ter em conta a valorização, através da opinião, que os indivíduos têm acerca sobre dos efeitos que a intervenção lhes produz, (Sampaio, Cruz e Carvalho, 2011).

Deste modo, os instrumentos utilizados na avaliação do projeto destacam-se, o registo de presenças, Inquérito de satisfação aos alunos, aos professores e pais e encarregados de educação e observação das participações escolares a cada período.

5. Resultados esperados

Pretende-se com a implementação deste projeto de intervenção, cumprir os objetivos definidos de acordo com a população-alvo. Deste modo, as ações planeadas no sentido de promover a adoção de estratégias a ter em situação de indisciplina, proporcionar aos alunos a vivência de experiências que contribuam para melhorar o seu comportamento em sala de aula e melhoria das suas competências sociais, e ainda, contribuir para um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos, consideram-se ser ajustadas no sentido de promover a disciplina. Assim, com a implementação das estratégias definidas, espera-se contribuir para a prevenção de situações de indisciplina nestes alunos futuramente.

Considerações finais

A indisciplina escolar constitui um desafio à escola atual, na prática pedagógica do professor, na intervenção dos técnicos e também nas funções desempenhadas por pais e encarregados de educação, na procura de respostas e estratégias eficazes. A pertinência deste estudo, surge pelo facto do Externato Capitão Santiago de Carvalho, em Alpedrinha, se debater com uma turma que apresenta o índice mais elevado de situações de indisciplina no 3º ciclo, a turma de 8º ano. A estas dificuldades, acresce o pouco envolvimento e participação dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos e as dificuldades que os professores sentem, no dia-a-dia, em gerir e lidar com a turma em causa. Tendo em conta as questões colocadas e os objetivos definidos, pretendeu-se compreender por que é que as situações de indisciplina acontecem nesta turma e perceber o contributo dos pais e encarregados de educação e dos professores, na prevenção e no combate à indisciplina. Procurou-se entender a verdadeira realidade da turma e aferir as dificuldades dos seus intervenientes para que, se pudesse definir o projeto a desenvolver e que colmatasse as dificuldades encontradas.

A triangulação de dados permitiu concluir, que a turma com maior número de ocorrências disciplinares registadas, no 3º ciclo, era a turma de 8º ano. Os alunos que não cumprem os seus deveres e que quebram as regras de conduta de forma sistemática e de acordo com a gravidade da situação, são alvo de participação disciplinar. As situações de indisciplina são prevenidas e combatidas com estratégias e medidas adotadas por todos os professores em Conselho de Turma no início do ano letivo, com base nas medidas constantes no Estatuto do Aluno, decretado pelo Ministério da Educação, assentes no Regulamento Interno da escola, embora essas medidas nem sempre sejam tomadas por todos os professores. Verifica-se deste modo, uma abordagem bastante punitiva, com recurso a medidas corretivas nas situações de indisciplina, sendo desejável o recurso, sobretudo, a medidas preventivas. A necessidade de intervir junto desta turma torna-se premente, enquanto estratégia, nomeadamente recorrendo a um plano de intervenção.

Quanto à abordagem de alguns pais perante situações de indisciplina, ainda se verifica não tomarem qualquer medida. Educar não é tarefa fácil, deixar essa tarefa para a escola, e desculpar o comportamento dos filhos, acaba por ser o caminho seguido por algumas famílias, constatando-se deste modo, alguma inconsistência nas regras e ausência de limites.

Efetivamente, verifica-se a necessidade dos professores desenvolverem estratégias de melhoria do ambiente na sala de aula, no que diz respeito à questão disciplinar, uma vez que percecionam o conceito de indisciplina de modo diferente, fazendo com que o modo de atuação nem sempre seja o mais adequado pela falta de firmeza e alguma permissividade de alguns agentes. Deste modo, pode-se concluir que existe uma relação de proporcionalidade entre o que se permite e os comportamentos de indisciplina ou de incivilidade por parte do aluno, o que é revelador de que o jovem conhece e cumpre-as, quando tal lhe é imposto. Neste

âmbito, e aquando se vivem casos de indisciplina, também se pode observar uma falta de satisfação dos alunos com o ambiente da sua turma, que necessita de um maior cuidado, por parte dos professores, de forma a promover um ambiente favorável à aprendizagem e da disciplina.

Relativamente, aos fatores que podem contribuir para a indisciplina, conclui-se que na prática pedagógica dos professores torna-se fundamental a forma como o professor atua com os alunos, no que respeita à prevenção dos comportamentos de indisciplina, bem como lida nas situações de indisciplina dos alunos, em situação de sala de aula. A escola ao promover iniciativas de formação de professores baseada em observação de situações de indisciplina, seguida de discussão e propostas de atuação.

O Externato Capitão Santiago de Carvalho insere-se num meio rural caracterizado por uma população com carências socioeconómicas, nomeadamente nas questões associadas ao desemprego, emprego precário e imigração. A maioria dos alunos que frequenta a turma em estudo encontra-se abrangido pela Ação Social Escolar, beneficiando de subsídio escolar de Escalão – A. Este subsídio escolar é atribuído em função dos rendimentos do seu agregado familiar. A população é pouco escolarizada, possuindo na maioria, habilitações ao nível do 2º ciclo. Perante esta evidência, a escola deve promover estratégias de colaboração mais próxima com estas famílias, facilitando o seu envolvimento e participação, e contribuindo para diminuição das desigualdades sociais dos alunos e das suas famílias.

Neste estudo, verificou-se que o fator género masculino e o nível socioeconómico dos alunos que participaram no estudo, poderão contribuir para a promoção de situações de indisciplina.

É essencial, que a escola proporcione um conjunto de atividades lúdicas que favoreça uma participação mais ativa dos pais e os motive a vir à escola. Chamar as famílias à escola, sem que seja solicitada a sua presença pelo diretor de turma, ou para participar nas reuniões de avaliação. É fundamental que a escola crie condições e consciencialize as famílias da importância da sua participação no percurso escolar dos seus educandos.

Considerando os resultados obtidos na investigação, foi estruturado um projeto de intervenção, dirigido ao grupo/ turma do 8º ano, grupo de docentes e pais e encarregados de educação da turma em estudo. Este projeto de intervenção terá como objetivo fornecer e desenvolver junto dos referidos intervenientes, a promoção de estratégias a adotar em situação de indisciplina, proporcionar aos alunos a vivência de experiências que contribuam para melhorar o seu comportamento e atitude em sala de aula e ainda, contribuir para um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação no percurso escolar dos seus educandos. O projeto apresentado foi considerado pertinente pela Direção do Externato Capitão Santiago de Carvalho, devendo dar início já em outubro deste ano letivo.

Conclui-se que, embora os objetivos propostos para esta investigação, tenham sido cumpridos e respondidos com recurso à triangulação de dados, deve-se salientar, que

houve fatores que constituíram limitações a esta investigação. Nomeadamente, o tamanho limitado da amostra e o facto de se tratar de um estudo de caso, não permitindo a generalização dos resultados para outras realidades educativas.

Em futuras investigações seria vantajoso considerar amostras mais amplas e heterogéneas, com mais alunos, mais professores, mais pais e pessoal não docente, por forma a poder avaliar quais as suas representações perante a indisciplina.

Bibliografia

- Almeida, J.; Pinto, J. (1995). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Aires, L. (2011) Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Universidade Aberta.
- Afonso, A (1991) “*As relações de poder no quotidiano da escola e da sala de aula: elementos para uma análise sociológica e organizacional*” in Caderno Ciências Sociais, nº 10-11, pp 133-154.
- Alarcão, M. (2000b). *Escola-família: Diálogos e monólogos em torno das dificuldades do aluno/filho*. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (adaptativas) ao longo da vida* (pp. 469-502). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. (2002). *História de uma escola triste e de um menino perdido...* *Psychologica*,31, 93- 109.
- Alarcão, M. (2003). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coleção Psicologia Clínica e Psiquiatria. 3ª Edição. Edição Quarteto.
- Albarello, L. et al. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- ALMEIDA, Ana Nunes de (2005) - *O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate*. *Análise Social*. Vol. XL, nº 176, p. 579-593.
- Alves, D. R. (2006). *O Emocional e o Social na Idade Escolar. Uma Abordagem dos Preditores da Aceitação pelos Pais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto.
- mado, J. (2001). *Dinâmica de turma e indisciplina na aula, Violência e Indisciplina na Escola*: Livro do Colóquio, XI Colóquio AFIRSE, Lisboa, FPCE/UL.
- Amado, J. & Freire, I. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na escola: Compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina.
- Aquino, J. (2005). *Jovens “indisciplinados” na escola: quem são? Como agem*. In An.1ºSimp. Internacional do Adolescente, 1-14.
- Barros, N & César, M. (2009). *Indisciplinas & Cª LDA*. Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho.
- Barroso, J. (2001a). *Disciplinas e violências na escola*. In A. Estrela, & J. Ferreira, (Eds.), *Indisciplina e violência na escola*. In Estrela, & Ferreira, Atas do XI colóquio AFIRSE/AIPELE (pp.125-131). Lisboa: SPCE,FPCEUL & AFIRSE.
- Borges, A. S. (2000). *Análise da formação continuada dos professores da rede pública de ensino do estado de São Paulo*. In: MARIN, A. J. (Org.). *Educação continuada: reflexões alternativas*. Campinas: Papirus. p. 39-61.
- Caldeira, S. N., Rego, I. C., & Condessa, I. (2007). *Indisciplina na sala de aula: Um (falso) problema?* In S. N. Caldeira (Coord.), *(Des)ordem na escola: Mitos e realidades* (pp.43-84). Lisboa: Quarteto.
- Carita, A. & Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para auto aprendizagem*. Universidade Aberta: Lisboa.
- Carvalho, Ana Margarida (2000) - *Profissão de Risco. Professores Agredidos. Aumenta o Número de Casos de violência nas salas de aula*. *Visão*, 378, p. 94-104.

Carvalho, M. (2004). "*Modos de Educação, Género e relações família-escola*". Cadernos de Pesquisa, 34 (121), pp. 41-58, jan./abr.

DelRincón, D., Arnal, J., Latorre, A., & Sans, A. (1995). *Técnicas de investigación en*

Ciências sociais. Madrid: Dykinson.

Delors, J. (Coord.) (1997). Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a

UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Séc. XXI.

São Paulo: Cortez Editora.

Dias, Maria Olívia, (2011). *Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – O processo de comunicação no sistema familiar*. Gestão e Desenvolvimento, 19 (2011), 139-156

Domingues, Ivo (1995) - *Controlo Disciplinar na Escola: Processos e Práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Esteve, J. (1999). *Mudanças sociais e função docente*. Porto: Porto Editora.

Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.

Estrela, A., & Ferreira, J. (Eds.). (2001). *Indisciplina e violência na escola*. Atas do XI colóquio AFIRSE/AIPELE. Lisboa: SPCE, FPCEUL & AFIRSE.

Estrela, M. T. (2002). *Para uma cooperação entre a escola e a família na prevenção dos problemas de indisciplina na escola*. Psicologia da Educação e Cultura, VI (1), pp. 27-47.

Estrela, M T (1992) *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*, Porto: Porto Editora

Estrela, M. (1994). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto

Editora.

Ferreira, J. (1997). *Escola, Família e Insucesso escolar: A Importância da Prespectiva Ecológica na Intervenção Educativa*. Lisboa

Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. S. Paulo: Editora Atlas.

Gomes, Carlos Alberto; SILVA, Guilherme Rego da; SILVA, Daniela Vilaverde. *A indisciplina numa escola portuguesa: olhares da comunidade educativa*. Educação em Revista, Marília, v. 11, n.1, p. 93-104, Jan.-Jun. 2010.

Guerra, I. (2007). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação – O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia Editora

Henriques, A. (2018). Resultados do inquérito: A (In)disciplina na escola.

<http://www.comregras.com/resultados-do-inquerito-indisciplina-na-escola/>

Jones, T.S. e Brinkman, H. S. (1994). "*Teach your children well*": Recommendations for peer mediation programs. In J.P. Folger & T.S. Jones (Eds.), *New directions in mediation: Communication research and perspectives*, Thousand Oaks, CA: Sage.

Ketele, J. & Roegiers, X. (1998). *Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa. Instituto Piaget.

Kheruniah, A. (2013). "A Teacher Personality Competence Contribution to a Student Study Motivation and Discipline to Fiqh Lesson", International Journal of Scientific & Technology Research, Vol. 2, 2, February 2013.

<http://www.ijstr.org/final-print/feb2013/A-Teacher-Personality-Competence-Contribution-To-A-Student-Study-Motivation-And-Discipline-To-Fiqh-Lesson.pdf>

Leandro, Engrácia, (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*, Lisboa, Universidade Aberta.

Lima, M. (2000). *Inquérito sociológico: problemas de metodologia*. Lisboa: Editorial Presença.

Lopes, J (1998) "Indisciplina, problemas de comportamento e problemas de aprendizagem no ensino básico", in Revista Portuguesa de Educação, vol. 11, nº 2, pp 57-82

Lopes, J. & Rutherford, R. (2001). *Problemas de comportamento na sala de aula: Identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.

Lopes, J. A., Rutherford, R. B., Cruz, M. C., Mathur, S. R., & Quinn, M. M. (2006). *Competências sociais. Aspectos comportamentais, emocionais e de aprendizagem*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

López, G. e Nieto, L. (2011). *Modelo de intervención psicopedagógica encaminado al desarrollo de aspectos emocionales, cognitivos y conativos*. International Journal of Psychological Research, vol. 4, núm. 1, 2011, pp. 29-39. Universidad de San Buenaventura. Medellín, Colombia

<http://www.redalyc.org/pdf/2990/299022819005.pdf>

Marcelo Garcia, C., Parrilla, A. Mingorance, P., Estebaranz, A., Sanchez, M.V. e Linares. S. (1991). *El Estudio de Caso en la Formación del Profesorado y la Investigación Didáctica*. Sevilla, Secretariado de Publicaciones da la Universidad de Sevilla.

Marques & Sarmento, (2007). *Investigação-ação e construção da cidadania*. Revista Lusófona de Educação, 2007, 9, 85-102

MARQUES, R. (2008). *A cidadania na escola*. Lisboa: Horizonte.

MARTINEZ, P. (2006). *La orientación psicopedagógica: modelos y estrategias de intervención*. Madrid: Editorial EOS.

Matos, M. G., & Sampaio, D. (2009). *Jovens com saúde: Diálogos com uma geração*. Lisboa: Texto Editora.

Morais, A. M. & Neves, I. P. (2007). *Fazendo investigação usando uma abordagem metodológica mista (versão eletrónica)*. Revista Portuguesa de Educação, 20 (2), 75-104.

Martins, E. (2014). *Incumpridos versus Indisciplinados no 1º Ciclo do Ensino Básico* (Estudo de Caso de dois alunos numa escola urbana portuguesa. Interfaces da Educ., Paranaíba, v.5, n.15, p.165-187.

Morais, A. M. & Neves, I. P. (2007). *Fazendo investigação usando uma abordagem metodológica mista (versão eletrónica)*. Revista Portuguesa de Educação, 20 (2), 75-104.

Nóvoa, A. (1995). *Profissão professor*. Portugal: Porto Editora.

Nóvoa, A. (1997). *Formação de professores e profissão docente. Os professores e sua formação*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, p. 13-33.

Pais, M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates – Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar.

- Palazzoli, M. S., Cirillo, S., D'Ettoire, L., Garbellini, M., Ghezzi, D., Lerma, M., et al. (1987). *Le magiciens de la magie: Ou comment changer la condition paradoxale du psychologue dans l'école* (3^a ed.). Paris: Les Éditions ESF.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança* (8^a ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- PARDAL, L.; CORREIA, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Pereira, P. M. P. (2013). *(In)Sucesso escolar na disciplina de Matemática A: da prescrição curricular à sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal.
- Pinto, S. (2014). *Indisciplina na sala de aula. A perspetiva de professores do 3o ciclo do ensino básico e secundário*. Dissertação apresentada para obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação. Lisboa: Escola Superior de Lisboa.
- Quaresma, L. (2010). *Violência escolar e de género: violências e representações sociais discentes*. Sociologia: revista do Departamento de Sociologia da FLUP, XX., 351-374. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8805.pdf>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5^a edição. Lisboa: Gradiva.
- Ricci, C., & Palazzoli, M. S. (1984). *Interactional complexity and communication*. Family Process, 23, 169-176.
- Rodrigues, Maria de Lurdes (2012), "Os Desafios da política de educação no século XXI". Lisboa. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 68, 2012, pp.171-176.
- Rodrigues, M.L.; Sebastião, J.; Mata, J.T; Capucha, L.; Araújo, L.; Silva, M.V.; Martins, S.C.; Lemos, V. 2016. *Educação 30 anos de Lei de Bases*. Mundos Sociais
- Sampaio, D. (1999). *Indisciplina no contexto escolar*. Revista Noésis, 37.
- Sampaio, D. (2011). *Da família, da escola, e umas quantas coisas mais*. Alfragide: Caminho
- Sampaio, D., Cruz, H. & Carvalho, M. J. L. (2011). *Crianças e jovens em risco*. Cascais: Príncípia, Fundação Calouste Gulbenkian
- Soares, I. (1990). Grupo de pares. In B. Campos. *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Porto: Universidade Aberta.
- Sebastião, J. (2007) - Democratização do ensino, desigualdades sociais e trajetórias escolares. Lisboa: ISCTE. Tese de Doutoramento.
- Sebastião, J. (2013), "Violência na escola, processos de socialização e formas de regulação", Lisboa, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º71, pp. 23-37.
- Saraceno, C. (1997). *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Seabra, T. (2009), *Desigualdades escolares e desigualdades sociais*, Sociologia- Problemas e Práticas, n.º 59, pp. 75-106.
- Simões, M. C. T., Formosinho M. D. & Fonseca, A. C. (2000). Efeitos do contexto escolar em crianças e adolescentes: Insucesso e comportamentos anti-sociais.

Revista Portuguesa de Pedagogia, XXXIV (1, 2, 3), 405-436.

Silva, Ana (2013). *Disciplina na escola: Reflexões sobre a realidade portuguesa*. Interfaces Científicas - Educação Aracaju V.01 N.03 p. 55-69 jun.

SILVA, J. & SALLES, L. (2010). *A violência na escola: Abordagens teóricas e propostas de prevenção*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010. Editora UFPR.

Veiga, F. (2007). *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais*. Lisboa: Almedina

Vieira, A. e Vieira R. (2010). *Territórios Educativos e Mecanismos de Lidar com a Diferença na Escola - II Encontro de Sociologia da Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), "Educação, Territórios e (Des)Igualdades"*.

Vaz, C. M.R.P. (2017). *Principais Perceções de Alunos e Professores Sobre a Educação, A Indisciplina e a Violência na escola – Um Estudo em Duas Escolas Públicas da Área de Lisboa*. Tese elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais na especialidade de Política Social. ISCSP - Universidade de Lisboa

Yin, Robert K. (2001). *Estudo de caso: planeamento e método*. 2ª.ed. Porto Alegre: Bookman.

Legislação e outra documentação

Decreto Lei nº 6/2001 de 28 de Setembro

Decreto-Lei n.º 94/2011, de 3 de Agosto

Despacho 147-B/ME/96

Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro - Estatuto do Aluno

Regulamento Interno (2017), Externato Capitão Santiago de Carvalho

Apêndices

Apêndice A - Grelha de Observação

Grelha de observação de sala de aula

Classifique cada item na escala de 1 a 5 (1: Não satisfaz; 2: Satisfaz pouco; 3: Satisfaz; 4: Satisfaz bastante; 5: Satisfaz totalmente)

Comportamentos e atitudes dos alunos em sala de aula	Aula de C. Naturais					Aula de História				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Brinca com outros										
Desloca-se na sala, sem permissão										
Volta-se para trás na cadeira ou mesa										
Falta à aula										
Chega atrasado										
Fala sem autorização da professora										
Não traz material de trabalho										
Não faz o trabalho na aula/casa										
Recusa-se a obedecer às instruções										
Não ajuda os colegas										
Contrapõe as ordens do professor										
Usa o telemóvel										
Mostra interesse e empenho pela aula										

Atitude do professor na sala de aula										
Assume uma atitude assertiva										
Incentiva de forma positiva os alunos										
Demonstra entusiasmo na sua prática pedagógica										
Adequa as estratégias de ensino perante a diversidade de alunos										
Revela capacidade de gestão perante o cumprimento das regras										
Manifesta firmeza no cumprimento das regras em sala de aula										
Previne comportamentos de indisciplina em sala de aula										
As estratégias utilizadas demonstram-se eficazes no cumprimento das regras na sala										
O ambiente de sala de aula é descontraído										

Apêndice B - Inquérito por Questionário aos Pais e encarregados de educação

Inquérito por Questionário aos Encarregados de Educação

A Indisciplina em sala de aula

Este inquérito – anónimo e confidencial – destina-se a recolher dados para a elaboração de um trabalho de investigação acerca da “Indisciplina em sala de aula”, que se pretende desenvolver no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar, pelo IPCB/ESECB, no qual trataremos as questões que se relacionam com as diversas formas de indisciplina. A sua participação é importante, pelo que se pretende que seja o mais sincero nas suas respostas e que responda às questões assinalando com uma cruz (X) a resposta que considere mais adequada.

Encarregado de Educação – Grau de Parentesco:

Idade: _____

Pai Mãe Outro Qual? _____

Nível de Escolaridade do Encarregado de Educação: _____

Profissão: _____

1-Conversa com o seu educando sobre as atividades escolares do dia-a-dia na escola?

Sim Não

2- Com que regularidade vai à escola?

Com alguma regularidade Quando contactado pelo Diretor de Turma

Nas reuniões de entrega de notas

3-Como comunica com a escola?

Telefone

Caderneta do aluno

4- Acompanha o seu educando na realização dos trabalhos de casa?

Sim Não

Se sim, Com que frequência?

Todos os dias 2 a 3 vezes por semana nunca

5- Quando o seu educando se comporta de uma forma incorreta, **em casa**,

Ralha Bate Castiga Explica Não faz nada

6- Já houve alguma situação de indisciplina em que o seu educando estivesse envolvido na escola?

Sim Não

7- Como reagiu em relação à situação?

Ralhou Bateu Castigou Explicou Não fez nada

8- Qual o tipo de castigo que dá ao seu educando?

Fica sem telemóvel Não vê televisão Não sai com os amigos

Outro Qual _____

9- Conhece as normas/regulamentos da escola ou regras de sala de aula?

Sim Não

10- Concorda com as mesmas?

Sim Não

11- O seu educando ajuda-o(a) nas tarefas domésticas?

Sim Não

Obrigada pela colaboração!

Apêndice C - Inquérito por Questionário aos Alunos

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

“Indisciplina em sala de aula”

Este inquérito – anónimo e confidencial – destina-se a recolher dados para a elaboração de um trabalho de investigação acerca da “Indisciplina em sala de aula”, que se pretende desenvolver no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar, pelo IPCB/ESECB, no qual trataremos as questões que se relacionam com as formas de indisciplina na vossa turma. A vossa participação é importante, pelo que pedimos que sejas o mais sincero nas tuas respostas e que responds às questões assinalando com uma cruz (X) a resposta que lhe seja mais adequada.

Obrigada pela vossa colaboração.

Parte I. Caracterização pessoal

1. Sexo: M____ F____

2. Idade _____

4. Turma _____

5 – Escalão – A _____ B _____ C _____

6- Retenções: Sim _____ Não _____ nº de retenções _____

7 – Tens conhecimento do Regulamento Interno da escola? Sim ____ Não ____

- O que pensas do mesmo?

Parte II. Questões acerca do comportamento

1 - Já alguma vez tiveste uma ou mais participações disciplinares no teu percurso escolar? Sim _____ Não _____

1.1 – Se sim, quantas? ____

2 – Como consideras os seguintes comportamentos?

Classifica-os como **muito grave**, **grave** ou **pouco grave**.

Comportamentos	Muito Grave	Grave	Pouco Grave
1 - Mexer no telemóvel			
2 - Gozar com os colegas			
3 – Não respeitar o professor			
4- Fazer comentários inapropriados durante a aula			
5 - Recusar-se a trabalhar			
6- Agredir colegas			

3 – Existe alguma regra na escola com a qual tu não concordas? Sim _____ Não _____

4- Existem mais regras na sala ou fora dela? _____

5 – Existem mais regras em casa ou na escola? _____

6 - Na tua opinião há punições para quem não cumpre regras? Sim _____ Não _____

7 - Há mais indisciplina em determinadas disciplinas? Sim _____ Não _____

Se sim, em quais e porquê? _____

8 – Gostas da turma onde estás inserido? Sim _____ Não _____

9 – Há colegas, que consideras indisciplinados? Sim _____ Não _____

10 - Na tua opinião habitualmente, em sala de aula há um ambiente :

Barulhento Descontraído Indisciplinado

Calmo Disciplinado Desorganizado

11 – Perante um comportamento indisciplinado, como é que os teus pais lidam com a situação?

Ralham Castigam Batem Explicam

12 – Gostas de andar nesta escola? Sim ___ Não ___

15 –Descreve como seria a tua escola ideal? _____

Obrigada pela colaboração!

Apêndice D - Guião da Entrevista

Entrevista à Diretora de Turma e às Professoras de Ciências Naturais e História

Tema: Indisciplina em sala em sala de aula

Objetivos Gerais:

- Compreender os pontos de vista e as conceções dos professores e D.T. relativamente à indisciplina em sala de aula;
- Perceber as dificuldades e as situações de indisciplina na turma
- Perceber se o fator género o nível socioeconómico dos alunos contribui para a indisciplina;
- Analisar as medidas implementadas para ultrapassar as situações de indisciplina;
- Identificar outras dificuldades existentes na turma em causa;
- Perceber a participação e envolvimento dos encarregados na vida escolar dos seus educandos.

Temáticas	Objetivos específicos	Procedimentos/Questões Formuladas
1- Enquadramento da entrevista e motivação do entrevistado	- Enquadrar a entrevista e motivar os entrevistados;	- Apresentação dos objetivos da entrevista. - Guião da entrevista
2- Identificação dos entrevistados	- Conseguir alguns dados biográficos dos entrevistados	- Funções desempenhadas; -Anos de serviço na profissão e na escola.
3- Modo de perceber a indisciplina	-Identificar as dificuldades sentidas perante as situações de indisciplina	- Dificuldade em lecionar nesta turma? - Considera existirem problemas na turma em causa?
4- Causas da indisciplina	- Perceber os fatores que contribuem para as situações de indisciplina	- Perceber os fatores que contribuem para as situações de indisciplina
5- Perceber os fatores que contribuem para as situações de indisciplina	- Identificar as estratégias utilizadas nas situações de indisciplina pelos vários intervenientes (professores e D.T.)	- O que faz a maioria dos professores para manter a disciplina nesta turma? - Enquanto D.T. que medidas toma para ultrapassar as dificuldades?
6- Participação dos encarregados de educação na vida escolar dos educandos	Recolher elementos acerca da participação dos encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos	- Qual a frequência com que os encarregados de educação vêm à escola? - Considera suficiente o envolvimento dos pais? - Tem conhecimento das medidas

		tomadas pelos encarregados de educação perante as situações de indisciplina?
--	--	--